

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM**

FABIELY DA SILVA BARBOSA

**INTERAÇÃO, AFETO E ANCESTRALIDADE: A RELAÇÃO ENTRE AVÓS E
NETOS EM DUAS OBRAS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE
TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA**

**PONTA GROSSA
2023**

FABIELY DA SILVA BARBOSA

**INTERAÇÃO, AFETO E ANCESTRALIDADE: A RELAÇÃO ENTRE AVÓS E
NETOS EM DUAS OBRAS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE
TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ligia Paula Couto

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Ione da Silva Jovino

**PONTA GROSSA
2023**

Barbosa, Fabiely da Silva

B238 Interação, afeto e ancestralidade: a relação entre avós e netos em duas obras da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira / Fabiely da Silva Barbosa. Ponta Grossa, 2023.
89 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Ligia Paula Couto.
Coorientadora: Profa. Dra. Ione da Silva Jovino.

1. Literatura infantil e juvenil. 2. Literatura infantil e juvenil de temática africana. 3. Ancestralidade. I. Couto, Ligia Paula. II. Jovino, Ione da Silva. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. IV.T.

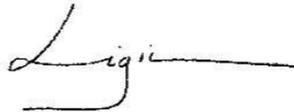
CDD: 808.3

FABIELY DA SILVA BARBOSA

INTERAÇÃO, AFETO E ANCESTRALIDADE: A RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS EM DUAS OBRAS
DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em Estudos da Linguagem na
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e
Subjetividade.

Ponta Grossa, 03 de maio de 2023.



Ligia Paula Couto - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Ione da Silva Jovino – Universidade Estadual de Ponta Grossa

 Documento assinado digitalmente
ROSANA APOLONIA HARMUCH
Data: 12/05/2023 14:38:38-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Rosana Apolonia Harmuch – Universidade Estadual de Ponta Grossa

 Documento assinado digitalmente
TATIANE COSENTINO RODRIGUES
Data: 10/05/2023 22:48:53-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Tatiane Consentino Rodrigues - Universidade Federal de São Carlos

Dedico ao meu pai, minha mãe e as demais pessoas estiveram presentes nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

O processo de escrita de uma dissertação é um caminho permeado por inúmeros desafios, alegrias e incertezas. Por isso, nessa trajetória são necessários o apoio, a força e a energia de todos os que nos cercam.

A Deus e a Nossa Senhora Aparecida por me abençoarem e guiarem meus passos.

Aos meus pais, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando.

A todos os mestres que contribuíram com a minha formação acadêmica e profissional e, em especial, às minhas orientadoras.

À orientadora Ione, por ser muito paciente e sempre solícita com minhas dúvidas.

À orientadora Ligia, pelas valiosas contribuições dadas durante todo o processo da escrita da dissertação, pela compreensão e pela paciência.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram, de alguma forma, para a escrita deste trabalho, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar os personagens principais, os avós e as crianças, a interação, a relação de afeto entre avô e neto, pensando em como a ancestralidade está ligada a este aspecto nas duas obras da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira: “*Sona contos africanos desenhados na areia*” de Rogério Andrade Barbosa e “*Black power de Akin*”, de Kiusam de Oliveira. A partir da categoria interação, apresentada por Silva (2022), analisamos a relação de afeto entre avós e netos, pensando em como a ancestralidade está ligada a este aspecto. Para situar o objeto da pesquisa, delineamos o contexto histórico da literatura infantil e juvenil e suas influências, sobretudo no Brasil, e discorremos sobre o aumento dos personagens negros nas obras literárias. Fez-se um levantamento de teses e dissertações que abordam a “temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros” nos cursos de pós-graduação da UEPG. A análise temática das obras “*O Black power de Akin*”, de Kiusam de Oliveira, e “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, de Rogério Andrade Barbosa, dar-se-á a partir de três categorias elencadas por Silva (2022): I) Caracterização das personagens centrais, observando o conflito central dos enredos, já que as ações dos protagonistas são fundamentais para a sua constituição; II) Espaço descrito nos textos. Em seguida, a interação, que é o objetivo principal da dissertação, que irá observar a relação de afeto do avô e do neto. Por último, analisamos ilustrações dos livros, evidenciando como os personagens são representados de forma não estereotipada. A metodologia da pesquisa é de base qualitativa e se ampara na leitura e na análise das obras, com o intuito de verificar como os conceitos se manifestam no texto e como os significados são construídos. Para tal, utilizaremos as proposições de: Oliveira (2021) para ancestralidade; Lajolo e Zilberman (2007) para contextualização do objeto de estudo literatura infantil e juvenil; Debus (2017); Araújo (2017, 2018, 2019); Araújo e Silva (2020); Araújo e Silva (2012); Araújo; Oliveira (2021) Jovino (2006); Oliveira (2003, 2010); Gouvêa (2005); Hall (2016) para o conceito de estereótipo. Encontramos a partir das análises, obras que apresentam a criança negra como protagonista de sua história, revelando a ancestralidade e a tradição que faz parte da vida das crianças e de seus avós. Como resultado da pesquisa, observou-se que, em ambas as obras, os avós têm um papel importante no desenvolvimento das crianças, eles acolhem, dão carinho, amor e atenção aos netos. As crianças sentem esse amor, essa paciência e, com isso, apresentam o olhar de encantamento, admiração pelos ensinamentos, estreitando a relação com seus avós.

Palavras-chave: Literatura infantil e juvenil; Literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira; Ancestralidade.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the main characters, the grandparents and the children, the interaction, the affection relation between grandparents and grandchildren, thinking about how ancestry is connected to this aspect in two works of children and teenage literature with African and Afro-Brazilian themes: "Sona contos africanos desenhados na areia" by Rogério Andrade Barbosa and "Black power of Akin", by Kiusam de Oliveira. From the category interaction, presented by Silva (2022), we analyze the relationship of affection between grandparents and grandchildren, thinking about how ancestry is linked to this aspect. To situate the object of the research, we delineated the historical context of children and teenage literature and its influences, especially in Brazil, and discussed the increase of black characters in literary works. A survey was made of theses and dissertations that approach the "African and Afro-Brazilian themes" and "black characters" in the post-graduation courses at UEPG. The thematic analysis of the works "O Black power de Akin", by Kiusam de Oliveira, and "Sona contos africanos desenhados na areia", by Rogério Andrade Barbosa, will be based on three categories listed by Silva (2022): I) Characterization of the central characters, observing the central conflict of the plots, since the protagonists' actions are fundamental to their constitution; II) Space described in the texts. Next, the interaction, which is the main objective of the dissertation, which will observe the affection relationship of the grandfather and grandson. Finally, we analyze illustrations from the books, highlighting how the characters are represented in a non-stereotypical way. The research methodology is qualitative and is based on the reading and analysis of the books, in order to verify how the concepts are manifested in the text and how meanings are constructed. To this end, we will use the propositions of: Oliveira (2021) for ancestry; Lajolo and Zilberman (2007) for contextualization of the object of study children and youth literature; Debus (2017); Araújo (2017, 2018, 2019); Araújo e Silva (2020); Araújo e Silva (2012); Araújo; Oliveira (2021) Jovino (2006); Oliveira (2003, 2010); Gouvêa (2005); Hall (2016) for the concept of stereotype. We found from the analyses, works that present the black child as the protagonist of their history, revealing the ancestry and tradition that is part of the lives of children and their grandparents. As a result of the research, it was observed that in both works, the grandparents play an important role in the development of the children; they welcome, give affection, love, and attention to their grandchildren. The children feel this love, this patience, and, as a result, they show a look of enchantment, admiration for the teachings, strengthening the relationship with their grandparents.

Keywords: Children's and Youth Literature; Children's and Youth Literature with African and Afro-Brazilian themes; Ancestry.

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo analizar los personajes principales, los abuelos y los niños, la interacción, la relación de afecto entre abuelos y nietos, pensando en cómo la ascendencia está vinculada a este aspecto en dos obras de literatura infantil y juvenil con temas africanos y afrobrasileños: "Sona contos africanos desenhados na areia" de Rogério Andrade Barbosa y "Poder negro de Akin", de Kiusam de Oliveira. A partir de la categoría interacción, presentada por Silva (2022), analizamos la relación de afecto entre abuelos y nietos, pensando en cómo la ascendencia se vincula a este aspecto. Para situar el objeto de la investigación, esbozamos el contexto histórico de la literatura infantil y juvenil y sus influencias, especialmente en Brasil, y discutimos el aumento de personajes negros en las obras literarias. Se realizó un relevamiento de las tesis y disertaciones que abordan la "temática africana y afrobrasileña" y los "personajes negros" en los cursos de posgrado de la UEPG. El análisis temático de las obras "O Black power de Akin", de Kiusam de Oliveira, y "Sona contos africanos desenhados na areia", de Rogério Andrade Barbosa, se basará en tres categorías enumeradas por Silva (2022): I) Caracterización de los personajes centrales, observando el conflicto central de las tramas, ya que las acciones de los protagonistas son fundamentales para su constitución; II) Espacio descrito en los textos. A continuación, la interacción, que es el objetivo principal de la disertación, que observará la relación de afecto del abuelo y el nieto. Por último, se analizan las ilustraciones de los libros, evidenciando cómo los personajes son representados de forma no estereotipada. La metodología de la investigación es cualitativa y se basa en la lectura y análisis de los libros, para verificar cómo se manifiestan los conceptos en el texto y cómo se construyen los significados. Para ello, utilizaremos las proposiciones de: Oliveira (2021) para la ascendencia; Lajolo y Zilberman (2007) para la contextualización del objeto de estudio literatura infantil y juvenil; Debus (2017); Araújo (2017, 2018, 2019); Araújo e Silva (2020); Araújo e Silva (2012); Araújo; Oliveira (2021) Jovino (2006); Oliveira (2003, 2010); Gouvêa (2005); Hall (2016) para el concepto de estereotipo. Encontramos a partir de los análisis, obras que presentan al niño negro como protagonista de su historia, revelando la ascendencia y la tradición que forma parte de la vida de los niños y sus abuelos. Como resultado de la investigación, se observó que en ambas obras, los abuelos desempeñan un papel importante en el desarrollo de los niños, acogen, dan afecto, cariño y atención a sus nietos. Los niños sienten ese amor, esa paciencia y, con eso, presentan la mirada de encantamiento, admiración por las enseñanzas, estrechando la relación con sus abuelos.

Palabras clave: Literatura Infantil y Juvenil; Literatura Infantil y Juvenil con temas africanos y afrobrasileños; Ancestralidad.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dissertações da pós-graduação em História	31
Quadro 2: Dissertações e Teses da pós-graduação em Educação	32
Quadro 3: Dissertações da pós-graduação em Estudos da Linguagem.....	34

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trecho de livro “ <i>Sona contos africanos desenhados na areia</i> ”	52
Figura 2 – Capa da obra “ <i>Sona contos africanos desenhados na areia</i> ”	69
Figura 3 – Cena de noção espacial	70
Figura 4 – Cena da idosa com um pássaro na mão	71
Figura 5 – Cena da comunidade	72
Figura 6 – Cena do avô	73
Figura 7 - Cena das palavras com cores diferentes e o desenho <i>sona</i>	74
Figura 8 – Capa do livro <i>Black power de Akin</i>	75
Figura 9 – Cena de Seu Dito Pereira com os netos	76
Figura 10 – Cena do avô no fogão à lenha.....	77
Figura 11 – Cena de Akin triste	78
Figura 12 – Cena do avô abraçando o neto	79
Figura 13 – Cena de Akin se sentindo um príncipe	79
Figura 14 – Cenas de autores, cantores, intelectuais e ativistas negros	80

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL., TEMÁTICA AFRICANA E AFRO BRASILEIRA.....	15
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL.....	16
1.2 TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA	21
1.3 MAPEAMENTO DE PSQUISAS NO CONTEXTO DA UEPG.....	30
2 APRESENTANDO AUTORES E ANALISANDO AS OBRAS	42
2.1 AUTOR/A	42
2.2 OBRAS	43
2.3 ESCOLHA DAS OBRAS.....	44
2.4 ANÁLISE TEMÁTICA	45
2.5 CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS CENTRAIS	46
2.6 ESPAÇO.	50
2.7 INTERAÇÕES: A RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS	54
2.8 ANCESTRALIDADE	60
3 AMPLIANDO A ANÁLISE: UM OLHAR AS ILUSTRAÇÕES.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	85

APRESENTAÇÃO

Antes de aprender a ler, já gostava de ouvir histórias orais, pois elas aguçavam a minha imaginação. Aos cinco anos já sabia ler e meu pai foi maior incentivador da leitura, sempre que podia, ele comprava livros, no entanto, as narrativas orais seguiam me encantando. Minha avó materna, Maria Clara, contava histórias sobre a comunidade onde vivia quando era criança, histórias sobre quando viu a mula sem cabeça pela janela da sua casa, sobre o Curupira, que apareceu para uma menina no rio; e, noutra história de quando criança, ela estava em um trem carregado de açúcar, que descarrilhou no meio do trajeto, deixando todos comendo apenas açúcar durante três dias, entre tantas outras.

Lembro-me da primeira vez que entrei em um sebo, nunca tinha visto tantos livros, queria todos, mas naquele dia pude comprar apenas um. Outro fato do qual me recordo é de nunca haver lido um livro com um protagonista negro. Na realidade, a minha imaginação era branca, imaginava somente personagens brancos. Acreditava que de tanto estar rodeados por eles, sonhava em ter cabelo liso, ainda mais depois de ouvir piadas, tanto de colegas como de professores, sobre meu cabelo, que na época era cacheado.

No ensino fundamental e no ensino médio, não sabia da existência das literaturas africana e afro-brasileira, pude conhecê-las numa disciplina do curso de Letras Português/Espanhol, quando a professora me apresentou a coletânea de “Contos Africanos de países de língua portuguesa”, organizada por Rita Chaves e lançada em 2009. A obra reúne contos com personagens infantis que sofrem violência psicológica, física, preconceito e racismo, além de terem problemas na estrutura familiar ou a ausência de uma família para ampará-los. É uma coletânea estereotipada, que retrata alguns países da África como violentos.

A obra organizada por Rita Chaves foi nossa primeira leitura literária e também de estudo desenvolvida na perspectiva do exílio. Estudei alguns contos em especial, pois fizemos iniciação científica¹, analisando quatro, sendo eles: “Gavião veio do sul e pum!”, de Boaventura Cardoso, “Passei por um sonho”, de José Eduardo Agualusa, “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto e “Zito Makoa, da 4º classe”, de Luandino Vieira.

¹Para saber mais, acesse: https://siseve.apps.uepg.br/storage/eaic2018/15_Fabiely_da_Silva_Barbosa-153627819853775.pdf.

Na iniciação científica talvez não foi feita uma análise aprofundada para que fosse debatido alguns pensamentos estereotipados acerca de alguns países africanos, pois o tema principal era outro, sobre o exílio dos personagens. Contudo, meu trabalho de conclusão de curso da graduação abordou o conto “Gavião veio do Sul e pum!”, de Boaventura Cardoso, que está presente na coletânea citada anteriormente. O texto de Cardoso (2009) retrata uma criança que não tem família e vive em um ambiente de guerra, mas só percebi após a quarta leitura da narrativa, já que, a princípio, nosso objeto de análise foi a influência da oralidade no estilo textual do escritor.

Meu projeto de mestrado também se voltava aos contos que apresentam personagens infantis que vivem uma realidade atravessada por violência, o que acabaria por reforçar certos estereótipos ao invés de contribuir com a sua desconstrução. Mas optei por trabalhar livros que realcem a beleza da criança ou do jovem negro, nas quais sejam protagonistas, tenham família, e principalmente vivam uma infância rodeada de afeto nas relações familiares e tenham contato com conhecimentos e saberes ancestrais. Entendi que pensar em grupos familiares nos quais crianças negras estejam inseridas é também uma forma de ir à contramão da representação estereotipada.

A linha de pesquisa chegou até a literatura infantil e juvenil com temática africana e afro-brasileira quando cursei Pedagogia e tive um contato maior com as crianças através dos estágios. Ali me certifiquei de que queria ser professora da educação infantil ou do ensino fundamental nos anos iniciais, para poder trabalhar livros da literatura africana e afro-brasileira com as crianças. Meu intuito é trabalhar obras que realcem a beleza do povo negro, para que se sintam representadas através das histórias, dos personagens, das ilustrações, fortalecendo suas características.

Por meio da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira é possível conhecer as tradições dos povos, sua ancestralidade e sua cultura. Assim, caso as crianças presenciem situações de racismo e preconceito, poderão perceber que aquilo é errado, pois como Oliveira (2010) comenta, muitos acreditam que nenhuma criança é racista, porém, é capaz de reproduzir o racismo que ouve, vê ou aprende em casa. Dessa maneira, faz-se necessário abordar essas questões na escola.

É de todas essas vivências e interesses que nasce esta dissertação que tem como tema a literatura infantil e juvenil produzida por autores/as/ negros/as/. Durante todo o processo de construção desta pesquisa, e principalmente a partir das discussões realizadas na qualificação, desenvolvi uma análise temática, especificamente em duas obras literárias, cuidando para explicitar a escolha de nomenclaturas, tais como “literatura infantil e juvenil” e “temática africana e afro-brasileira”. Para, além disso, no movimento de análise temática das duas obras, recorreremos às categorias presentes na dissertação de Silva (2022), a fim de centralizar a leitura e compreensão.

Assim, o objetivo principal é analisar os personagens principais, os avós e as crianças, a interação, a relação de afeto entre avô e neto, pensando em como a ancestralidade está ligada a este aspecto nos dois livros da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira: “Sona contos africanos desenhados na areia”, de Rogério Andrade Barbosa e “Black power de Akin”, de Kiusam de Oliveira.

Para tanto, julguei necessários à realização de algumas ações que compreendem os objetivos específicos:

- Contextualizar as duas obras no âmbito da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira;
- Observar a temática das obras a partir de três categorias (SILVA, 2022): caracterização das personagens centrais, espaço e interações.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, busquei apresentar o contexto histórico da literatura infantil e juvenil, seus autores e obras mais influentes. Tratei também da maneira como as crianças eram vistas nos séculos XVII e XVIII, que até então foram consideradas adultos em miniatura e, somente com as mudanças na sociedade, passaram a ser compreendidas como indivíduos em desenvolvimento.

A segunda seção deste primeiro capítulo versa sobre a literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira e apresenta seu contexto histórico, o surgimento de suas primeiras obras, seus principais escritores e seus personagens negros. Na terceira seção, trouxe o levantamento de teses e dissertações que abordam a “temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros” nos cursos de pós-graduação em História, em Educação e em Estudos da linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Ainda, tem-se como base teórica o levantamento de teses e dissertações feito por Silva (2022), a partir de pesquisas que apresentaram personagens negros infantis. As fontes utilizadas por Silva (2022) foram o catálogo de Teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações — BDTD. A autora delimitou como recorte temporal o período de 2003 a 2020. Nossa busca abarcou a leitura da introdução de cada trabalho e considerou a seleção das palavras-chave, para verificar a existência de relação temática com a dissertação.

No segundo capítulo, apresentei os escritores dos livros analisados por meio de uma breve biografia, o resumo dos dois livros e a justificativa de escolha. No subcapítulo, farei uma análise temática das obras “O Black power de Akin”, de Kiusam de Oliveira e “Sona contos africanos desenhados na areia”, de Rogério Andrade Barbosa. A análise temática se dará a partir de três categorias elencadas por Silva (2022), sendo elas: caracterização das personagens centrais, espaço e interação.

No que se refere à caracterização dos protagonistas, observa-se o conflito central das obras, já que as ações da personagem central são fundamentais para sua constituição. Depois, observamos o espaço, para averiguar em qual ambiente se passam as narrativas e por quais lugares os personagens convivem. Em seguida, a interação, que é o objetivo principal da dissertação, em que se aborda a relação de afeto entre avô e neto.

Por último, me volto a algumas ilustrações dos livros. O olhar para as imagens, por conta das limitações da pesquisa e da pesquisadora, não foi para os aspectos artísticos ou técnicos de construção das ilustrações, mas principalmente para entender como elas podem ser percebidas como não estereotipadas.

Nas considerações finais, perscruto os caminhos dessa pesquisa e retomo sua introdução, contando quem era antes de iniciar a dissertação e quem sou agora, após o término do processo de escrita. Ainda, retomo a pergunta de pesquisa, os principais apontamentos teóricos e os entrelaçamentos das categorias de análises aqui utilizadas, para expor a relação de afeto entre avô e neto nas duas obras da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira.

Convido você, estimado leitor, a iniciarmos a leitura.

1 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

A humanidade tem como uma de suas marcas o registro de narrativas, histórias. Está em nossa oralidade, está em nossa escrita, está em nossa pintura, em nossas músicas, em nossos filmes, novelas, etc. Toda essa explosão de narrativas se registra de diferentes maneiras e em diferentes meios: livros, revistas, quadrinhos, quadros, murais, muros, plataformas digitais, etc. Por meio das histórias, aprendemos e exercitamos a imaginação. Posto isto, é necessário contar histórias na primeira infância, mesmo que a criança ainda não saiba falar.

Marafigo (2012, p. 8) salienta que:

Ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, com mais significados e mais compreensões.

A literatura infantil e juvenil proporciona a criança um desenvolvimento social, emocional e cognitivo: “Ouvir muitas e muitas histórias é importante para se integrar num universo de descobertas e de compreensão do mundo” (MARAFIGO, 2012, p. 8). Ao ouvir as histórias, as crianças visualizam de forma mais clara alguns sentimentos: “Ouvindo histórias pode-se também sentir emoções importantes, como a raiva, a tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade” (MARAFIGO, 2012, p.8).

Quando a criança aprende a ler ou ainda ouvindo histórias, já é capaz de indagar, comentar e discutir a narrativa. Como Marafigo (2012, p. 6) ressalta: “O prazer proporcionado pelas novas habilidades deve combinar-se com o interesse e necessidades das crianças”. Portanto, é fundamental que a criança tenha contato com os livros o quanto antes, para sentir o prazer que a leitura produz e assim aumentar a probabilidade de se tornar um adulto leitor, já que: “A criança através da literatura é desafiada como ser humano a expressar seus pensamentos e opiniões, através da linguagem” (MARAFIFO, 2012, p. 6) e adquirir uma postura crítica.

É importante trabalhar literatura infantil e juvenil com a temática africana e afro-brasileira, tanto em casa, como na escola, para que crianças e jovens compreendam que a história das pessoas negras não se resume ao tráfico negreiro e à escravização.

A literatura colabora para o cumprimento da Lei 10.639/03, que inclui a obrigatoriedade na rede de ensino da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, uma vez que a literatura influencia na educação das crianças e jovens.

Com isso, é necessário que os professores trabalhem livros em que os personagens negros sejam protagonistas, que exaltem suas características, tanto na escrita como nas ilustrações. As crianças negras precisam se sentir representadas desde pequenas, para quando sofrerem racismo terem a consciência que é errado, e ter o conhecimento de como reagir. E para as crianças brancas saberem que praticar atos de racismo e preconceito é inaceitável.

1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Neste capítulo, o objetivo é contextualizar as obras analisadas na história da literatura infantil e juvenil. A primeira seção, **A literatura infantil e juvenil**, apresenta o contexto histórico da formação da literatura infantil e juvenil no Brasil. Em seguida, em **Temática Africana e Afro-brasileira**, também apresentarei o contexto histórico, destacando os primeiros autores que estudaram essa temática e os principais livros.

Ao fim, far-se-á um **levantamento de pesquisas** que abordam a “temática africana e afro-brasileira” e a “relação de afeto entre avô e neto”, com base nos cursos de pós-graduação em História, Educação e Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Recorri também ao levantamento de teses e dissertações feitas por Ayodele Floriano da Silva (2022) a partir do catálogo de Teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações — BDTD.

Para tratar sobre a literatura infantil e juvenil, me pauto em Lajolo (1993), uma vez que tanto a literatura infantil, destinada à criança, e a literatura juvenil, destinada ao jovem, é uma construção social. Consideramos que as obras da nossa análise temática, “Black power de Akin” e “Sona contos africanos desenhados na areia”, podem ser trabalhados tanto com as crianças e com os jovens. Lajolo e Zilberman (2007, p. 10) ponderam:

Nossa perspectiva foi inteiramente outra: em momento nenhum levamos em conta a adequabilidade deste ou daquele livro para tal ou qual público ou faixa etária. Valendo-nos do contraponto entre a literatura infantil e a não-

infantil, nossa hipótese é que, no diálogo que se estabelece entre as duas, a especificidade de cada uma pode ajudar a destacar o que a tradição crítica, teórica e histórica não tem levado em conta na outra. É como se a literatura infantil e a não-infantil fossem pólos dialéticos do mesmo processo cultural que se explicam um pelo outro, delineando, na sua polaridade, a complexidade do fenômeno literário.

Neste sentido, reflito que a literatura infantil e juvenil já foi marginalizada, rotulada como menor e inferior, como relembram os estudos de Hunt (2010) e Lajolo e Zilberman (2007). Se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da literatura infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Debus et al (2010) também salienta que se deve levar em consideração que a literatura infantil e juvenil nasce vinculada à pedagogia e sua função visa ao ensino e à educação de um público menos “exigente”, a criança. Com isso, muitos ainda consideram essa literatura como um gênero menor. Alguns trabalhos acerca da literatura infantil e juvenil desconsideram o diálogo com outros textos e voltam os livros para uma dimensão pedagógica, de caráter educativo.

Outra questão, numa perspectiva ocidental, firmada sobretudo a partir do estudo de Phillippe Ariès², é que as crianças teriam sido percebidas como adultos em miniatura nos séculos XVII e XVIII. Com as mudanças na sociedade, a criança passou a ser compreendida como um indivíduo, com características próprias. Lajolo e Zilberman (2007, p. 16) afirmam que: “A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo), e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária”. Todas as instituições relacionadas sofreram transformações a partir da compreensão da nova imagem da criança e buscaram entender esse olhar sobre a figura infantil.

Rocha e Lopes (2016) declaram que se tem como verdade que o surgimento da literatura infantil e juvenil no contexto mundial aconteceu no século XVII, com

² O estudo de Ione Jovino (2010) aponta que os estudos de Ariès sobre a infância e a vida familiar no antigo regime, publicados na Europa na década de 1970, são considerados pioneiros na história da infância e no uso das imagens como evidência para isso. No entanto, há muitas críticas sobre as perspectivas eurocêntricas de Ariès, sobretudo sobre a respeito de que ele pode ter estabelecido de modo equivocado uma visão de processo histórico universal para todas as infâncias, a partir das classes abastadas dos países europeus, sem considerar outros contextos sociais.

Charles Perrault e a publicação de “Contes de ma mère l’oyé” (1697). A obra foi bem recebida por parte das crianças, suas narrativas acabaram por constituir a primeira grande expressão da literatura infantil e juvenil no Ocidente. As histórias de Perrault costumam ser reconhecidas como portadoras de considerável riqueza imaginativa, agradando plenamente às crianças ao retratar a sociedade de seu tempo, isto numa atmosfera de fantasia e jogo lúdico, entre fadas e bruxas.

Fenelón (1651-1715) também fez parte dos primeiros textos de literatura infantil e juvenil, tendo como a finalidade de educar moralmente as crianças. Nesse período, as narrativas levavam informações que tinham como objetivo advertir os leitores moralmente acerca do bem e do mal, um deveria ser aprendido e o outro desprezado (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). As histórias tinham como objetivo ensinar valores morais, através dos contos e relatos, para que as crianças se sentissem motivadas pelo enredo e personagens, um modelo de vida para os leitores. Lajolo e Zilberman (2007, p. 14) salientam acerca das primeiras obras publicadas destinadas ao público infantil e juvenil:

As primeiras obras publicadas visando ao público infantil apareceram no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII. Antes disto, apenas durante o classicismo francês, no século XVII, foram escritas histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância: as Fábulas, de La Fontaine, editadas entre 1668 e 1694, As aventuras de Telêmaco, de Fénelon, lançadas postumamente, em 1717, e os Contos da Mamãe Gansa, cujo título original era Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades, que Charles Perrault publicou em 1697.

No Brasil, no final do século XVIII, com caráter pedagógico, a literatura infantil e juvenil começou a se mover com obras traduzidas e adaptadas de Portugal. As traduções nesse período começaram a ganhar mais espaço no mercado. Lajolo e Zilberman (2007, p. 27) comentam:

Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel são os que se encarregam, respectivamente, da tradução e adaptação de obras estrangeiras para crianças. Graças a eles, circulam, no Brasil, *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de la Mancha* (1901), todos vertidos para a língua portuguesa por Jansen. Enquanto isso, os clássicos de Grimm, Perrault e Andersen são divulgados nos *Contos da Carochinha* (1894), nas *Histórias da avozinha* (1896) e nas *Histórias da baratinha* (1896), assinadas por Figueiredo Pimentel e editadas pela Livraria Quaresma.

Esses livros são alguns exemplos dos que estavam disponíveis para a leitura das crianças naquele contexto, especialmente aqueles que frequentavam as escolas. No início do século 20, as obras traduzidas e adaptadas em Portugal começaram a ser questionadas no Brasil, primeiro pelo distanciamento linguístico, já que a escrita era o português de Portugal, com isso dificultava a compreensão das obras, uma vez que divergia do português do Brasil, além da diferença de representação cultural, de mundo e identidade. De acordo com Lajolo e Zilbermam (2007, p. 29):

Esta distância entre a realidade lingüística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que, no entre-séculos, discutiam a necessidade da criação de uma literatura infantil brasileira. Dentro desse espírito, surgiram vários programas de nacionalização desse acervo literário europeu para crianças.

Nesse primeiro momento da literatura infantil e juvenil brasileira, a adaptação do modelo europeu que chegava ao Brasil, na maioria das vezes, era através de Portugal. Outro fato que ocorreu foi a apropriação brasileira de um projeto educativo, que tinha a escola e o texto infantil como aliados para a formação dos habitantes. No Brasil, esse acontecimento foi melhor desenvolvido a partir da República, nasceu na Europa: “Onde apareceram várias obras que, cada uma a seu tempo, inspiraram autores brasileiros. É de 1877 o livro *Le tour de la France par deux garçons*, de G. Bruno” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.31).

O livro “*Le tour de la France par deux garçons*”, tem como subtítulo “Dever e Pátria”. Narrada em terceira pessoa, a obra traz a história de dois meninos órfãos, André e Julien, que procuravam um tio. Na longa viagem que então encetam, têm contato com as várias atividades que fazem a riqueza da França. Tudo isso lhes serve de aprendizagem e reforço do sentimento nacional. Ao final da história, já crescidos, Julien e André se fixam numa pequena propriedade agrícola. Com esse final feliz, fecha-se o livro, cuja grande lição é a de que o trabalho, o amor à pátria e a dedicação à família são os penhores da felicidade (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 31).

Esta obra é um exemplo de cartilhas de sua respectiva nacionalidade, uma vez que apresenta uma protagonista criança, através de diversas aventuras e situações, desenvolve noções de obediência, sentimento de família e amor à pátria. A presença das crianças nos livros de certa forma pretendia cumprir uma função:

envolver os jovens leitores em situações iguais de aprendizagem: “Lendo livro, ouvindo histórias edificantes, tendo conversas educativas com os pais e professores, trocando cartas de bons conselhos com parentes distantes” (LAJOLO; ZILBERMAM, 2007, p. 32).

No Brasil, Olavo Bilac e Manuel Bonfim se inspiraram no livro “*Le tour de la France par deux garçons do francês*”, de G. Bruno, para fazer uma adaptação intitulada “Através do Brasil”, sendo a história parecida com a original, estimulando o patriotismo, a noção de pátria. Também narrado em terceira pessoa, os jovens protagonistas chamados Carlos e Alfredo viajam em busca do pai enfermo cruzando o Brasil de norte a sul, percorrendo diferentes paisagens físicas e econômicas da terra, interagindo com diversas populações e vivenciando os costumes de cada região (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

A partir disso, salienta-se que no Brasil, a circulação e produção patriótica se inspiram em similares obras europeias. Por outro lado, observa-se que o programa nacional de uma literatura infantil com um determinado fim ideológico é caracterizado por umas das linhas da literatura brasileira juvenil: “A presença e exaltação da natureza e da paisagem que, desde o romantismo (ou, retroagindo, desde o período colonial), permanece como um dos símbolos mais difundidos da nacionalidade” (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 37).

Observa-se que entre 1921-1944, os enfoques mais recorrentes nas obras designadas para as crianças e jovens: “São o nacionalismo, o predomínio do espaço rural, a exploração da tradição popular em lendas e histórias e a inclinação educativa” (LUFT, 2010, p. 112). O crescimento quantitativo de livros voltados para as crianças corrobora o quão favorável o mercado estava aos livros. Relaciona-se essa situação aos fatores sociais: “A consolidação da classe média, em decorrência do avanço da industrialização e da modernização econômica e administrativa do país, o aumento da escolarização dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte [...]” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 45). Com o aumento do número de consumidores, acelerando a oferta, tem-se a resposta das editoras para esse público interessado.

O período de 1945-1964 ficou marcado pela ampliação da escola e a solidificação da indústria editorial: “Aumenta-se a produção de livros em série para atender à demanda dos mediadores entre o livro e a leitura: a família, a escola e o Estado” (LUFT, 2010, p.112 e 113). Contudo: “Fica claro também o tipo de

profissionalização facultada: a que adere à produção de obras repetitivas, explorando filões conhecidos e evitando a pesquisa renovadora” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 84). O espaço rural, caracterizado como decadente, de certa forma foi reabilitado, com isso, a vida urbana foi ignorada.

Debus (2010) salienta que, nas últimas décadas do século XX, o crescente interesse de pesquisadores pela literatura infantil e juvenil contribuiu para uma extensa publicação na área, seja em forma de livro ou noutros meios de publicação. Os avanços tecnológicos também contribuíram para a disseminação das pesquisas realizadas em diferentes países.

Em documento produzido no início da década de 1990, a pesquisadora Nádia Gotlib (*apud* HOLLANDA, 1994) avaliava os principais grupos emergentes nos estudos teóricos, na área de Letras: a literatura feita por mulheres; a literatura africana; a literatura popular (oral e de cordel); e a literatura infanto-juvenil. (DEBUS et al, 2010, p. 14)

Observa-se a formação e o contexto histórico da literatura infantil e juvenil no Brasil e, diante de diversos exemplos de livros apresentados, percebe-se que a literatura de temática africana e afro-brasileira de certa forma não entrou nessa história, não aparecendo personagens negros como protagonistas. A partir disso, na próxima seção me debruçarei sobre o estudo da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira juvenil e seus personagens negros.

1.2 TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA LITERATURA INFANTIL JUVENIL

Já havia uma preocupação com a nacionalização da produção literária nas primeiras décadas do século XX. Entretanto, essa traduzia textos em uma perspectiva ufanista: “Que glorificavam as grandezas do nosso povo e da nossa terra, claramente identificados com a cultura europeia. Tratava-se de desenvolver o sentimento de amor à pátria e, ao mesmo tempo, veicular um ideal civilizatório europeizado” (GOUVÊA, 2005, p. 83).

Todavia, a partir da década de 1920: “Em consonância com as transformações experimentadas no campo cultural mais amplo, na produção cultural destinada ao público infantil busca-se falar do país remetendo-se a sua identidade cultural”. (GOUVÊA, 2005, p. 83). A temática utilizada para escrever à criança

brasileira na sua linguagem era sobre suas raízes, seu povo, sua cultura. Segundo, Gouvêa (2005, p. 83), a literatura infantil: “[...] Dialogava com as diversas representações construídas acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico, incorporando tal temática no interior das narrativas”.

Ao comparar a produção de obras literárias voltadas ao público infantil e juvenil desde 1900 até 1920, constata-se a quase ausência do personagem negro na narrativa, como se observa no fragmento:

Nos textos pesquisados, produzidos entre 1900 e 1920, o negro era um personagem quase ausente, ou referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial. Ou então personagem presente nos contos que relatavam o período escravocrata, como na obra: Contos pátrios, de Olavo Bilac e Coelho Neto, de 1906, em que os autores descrevem com ternura a figura submissa de Mãe Maria. (GOUVÊA, 2005, p. 83 e 84)

A ausência do negro nas cenas sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição, o seu apagamento nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização. Procurava-se afastar dos grandes centros os grupos populares, concebidos como resistência à nova ordem social. O negro era percebido como herdeiro dessa ordem social arcaica, ligada ao tradicionalismo, ordem a ser substituída por um modelo europeizante, calcado na ideia de progresso (GOUVÊA, 2005).

Com isso, as práticas, o corpo, a história do negro e sua presença invocam a antiga ordem escravocrata, inconciliável com um país “civilizado”. Gouvêa (2005, p. 84) afirma:

À medida que nas práticas culturais mais amplas desloca-se a discussão em torno da brasilidade, não mais de negação, mas de afirmação de sua composição racial, a representação do negro na literatura infantil altera-se. O negro emerge nas narrativas, de maneira mitificada, identificado com as raízes do país. Cabe agora analisar as imagens construídas sobre o negro na produção analisada, a fim de compreender a representação que as relações raciais assumiam na literatura infantil.

Gouvêa (2005) observa que o aumento das personagens negras nas obras literárias resulta do tratamento direcionado a elas. Os personagens estavam em posição de servidão, eram coadjuvantes, sempre estereotipados. Destaca-se, por

exemplo, a representação dos personagens negros: “Relacionados a significantes opostos, como tradição e ignorância, universo rural e passado” (GOUVÊA, 2005, p. 84) e as “pretas velhas” contadoras de narrativas, trazendo traços da cultura negra, como histórias de origem africanas e a oralidade.

Jovino (2006) comenta sobre os textos infantis publicados até a década de 30, como as personagens femininas eram representadas:

A personagem feminina negra é invariavelmente representada como a empregada doméstica, retratada com um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá. Como empregada de uma família branca, passa a maior parte do tempo confinada em uma cozinha.

Debus (2017, p. 30) também constata que as narrativas infantis e juvenis:

Produzidas no Brasil eram quase inexistentes até a década de 70. Quando isso ocorre, o negro é representado com docilidade servil, submisso ao cumprimento de seu papel de subalternidade (Tia Nástacia, de Monteiro Lobato), ou é aquele que provoca o apiedamento (Menino André, da lenda do Menino do Pastoreio) ou, ainda, aquele que não é o que é, travestindo-se de outra pele: o negro de alma branca (como Joaquim, *Zuluquim, Zulu*, 1983), repercutindo ideias pelo regime de subalternidade promovido pela escravização dos povos africanos.

Em seu estudo, Oliveira (2003) teve como um dos objetivos: “Interpretar as produções literárias publicadas entre 1979 e 1989 dos autores consagrados pela crítica literária e daqueles que, embora não tendo sido aludidos por essa crítica, destacaram-se no mercado livreiro, haja vista as reedições de suas obras desde os anos 80” (OLIVEIRA, 2003, p. 10). No que se refere aos personagens negros, os resultados de sua pesquisa demonstraram que:

[...] Visou-se a inovação no momento em que se atribui o papel principal aos personagens negros, com o propósito de denunciar a pobreza, o preconceito racial, e em enaltecer os seus traços físicos (em duas narrativas principalmente). Mas, por outro lado, a maioria das produções acabou corroborando para reforçar exatamente o que se tentou denunciar: o preconceito racial. (OLIVEIRA, 2003, p. 10)

Segundo Oliveira (2003, p. 164), a representação dos personagens negros entre o período citado (1979 e 1989) eram:

1) em grande maioria, associados à pobreza, quando não à miserabilidade humana; 2) desamparados, sem família, haja vista a carência do pai e/ou da mãe; 3) tutelados pelo branco bom; 4) tecidos de maneira inferiorizada e sujeitos à violência verbal e/ou física; 5) associados à (auto)percepção inferiorizada; e 6) enaltecidos pelos atributos físicos e/ou intelectuais com vista à democracia racial. Estas categorias analíticas subdividem-se em outros itens, tendo em vista a semelhança entre as ações e reações praticadas pelos personagens.

Destaco o conto “O dia em que explodiu Mabata-bata”, de Mia Couto, lançado em 1986, uma vez que, nele o menino Azarias sofre violência física e psicológica por parte do Tio Raul, que não deixa a criança estudar, obrigando-a a cuidar manada sob a ameaça de apanhar caso perdesse algum boi. A narrativa retrata a dor do menino que se sentia inferior a outras crianças, por não poder ir à escola e brincar como os elas.

Jovino (2006, p. 188) também comenta personagens que ocupam uma posição de inferioridade:

Em Histórias de Tia Nastácia, a personagem principal ocupa uma posição de inferioridade sócio-cultural. Como contadora de histórias, Tia Nastácia retoma narrativas de tradição oral, porém não têm aliados, não há outros personagens que partilhem ou que vejam de modo positivo as expressões culturais trazidas por Tia Nastácia em suas narrativas. Seus ouvintes criticam constantemente o valor de verdade de suas histórias e fazem críticas sempre negativas sobre o conteúdo dessas histórias. Já em outros momentos do texto de Monteiro Lobato, Tia Nastácia é descrita como a “negra de estimação”. Algo como a velha frase que ainda hoje ouvimos: “É como se fosse da família”.

As histórias de Tia Nastácia eram invalidadas, criticadas e pouco valorizadas. Assim como o personagem Azarias, desprovido de afeto por parte do tio que o invalidava como sujeito detentor de desejos, sonhos e ambições. Ambos os personagens são retratados com inferiorizados, desamparados e tutelados pelo “branco bom” (OLIVEIRA, 2003).

Mais adiante, em meados da década de 80, já encontra-se alguns autores que trazem as personagens negras resistindo, resgatando sua identidade e enfrentando preconceitos. Oliveira (2010, p. 61) destaca autores recentes como Joel Rufino dos Santos, Heloísa Pires Lima, Geny Guimarães, Júlio Emílio Braz, Inaldete Pinheiro Andrade, Aroldo Machado e Rogério Andrade Barbosa. Nesse período, dependendo do interesse dos autores, das demandas temáticas e talvez das editoras, vão surgindo obras com enfoque nas relações étnico-raciais no Brasil.

“Através de tais obras se denunciou a discriminação racial, a pobreza e, enfim, a miserabilidade humana. Além disso, se difundiu a propalada mestiçagem brasileira [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 61).

Apesar de identificados os textos que sugerem a afirmação identitária negra, destacando os penteados afros, as religiosidades de matrizes africanas, os espaços sociais africanos, as lideranças negras e as situações de discriminação racial, faz-se necessário efetivar a análise dessas produções, sem perder de vista que vivemos em uma sociedade racista.

Oliveira (2010, p. 62) constata que:

O continente africano, no entanto, é pouco abordado. Além disso, surge mitificado, reduto da pobreza, dos animais: zebras, onças, etc. As religiões de matrizes africanas também, além de estereotipadas, são reduzidas à consulta aos búzios nos morros. Enfim, por aí perpassa boa parte das nossas produções destinadas às crianças e jovens. Em poucos passos, as produções vêm desvelando outras faces dos personagens negros. Daí pensarmos em indícios inovadores a partir dos anos 80, levando em conta a insurgência do protagonismo negro quantitativamente. Mas esses indícios precisam ser observados, para não incorrerem em visões limitadas acerca dos seres ficcionais.

Portanto, de fato, somente a partir dos anos 80 que as produções aumentaram, sendo uma quantidade maior destinada às crianças e aos jovens com protagonistas negros. “É, também o período em que se inicia a *proliferação* de nossa literatura infantil-juvenil” (OLIVEIRA, 2010, p. 62). Jovino (2006) ressalta que, da década de 80 em diante, pode-se encontrar alguns livros que rompem com as já consagradas formas e representações da personagem feminina negra e também da cultura afro-brasileira. A partir dessa década, foi possível encontrar livros mostrando personagens negras resgatando sua identidade racial, resistindo ao enfrentar preconceitos, valorizando as religiões de matriz africana e as mitologias, rompendo com o modelo de desqualificação das narrativas dos períodos anteriores.

Jovino (2006) ainda salienta que alguns autores e obras deste período, como por exemplo, Joel Rufino dos Santos, nascido no Rio de Janeiro, foi preso político durante a ditadura militar. Uma parte de seus ancestrais veio da Etiópia, na África, e outra, de Portugal, na Europa. Possivelmente, outra parte veio de Angola. Publicou diversos livros, dentre eles:

Quem fez a República, O dia em que o povo ganhou, História política do futebol brasileiro e Zumbi (ensaios de História); *Abolição, Quatro dias de rebelião e Ipupiara* (romances); *O curumim que virou gigante, A botija de ouro, Uma estranha aventura em Talalai, Marinho, o marinheiro, e outras histórias e O Noivo da cutia* (literatura infantil). (JOVINO, 2006, p. 191)

Seguindo essa linha de ressignificação, citamos Geni Guimarães, que nasceu no município de São Manuel, interior de São Paulo. Quando adolescente, publicou crônicas, poemas e contos em jornais locais. Editou seu primeiro livro, “Terceiro Filho” em 1979. Já na obra intitulada *A cor da ternura*, Geni narra a própria história, com grande imaginação, sobre o grande amor pela mãe, desde criança sofria racismo por parte de seus colegas, e pensou em mudar de cor (JOVINO, 2006).

Outra autora desse período foi Heloísa Pires, que nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 1988, publicou *Histórias da Preta*, sendo a Preta, a personagem principal levando os leitores a refletirem acerca do que é ser diferente e ser igual. Revelando a trajetória do povo africano, Preta lia muito e aprendeu diversas histórias sobre a África, como a religião, dificuldades de sobrevivência no Brasil e o modo de vida dos escravos, ela sentiu-se à vontade para contá-las.

Araújo (2018), faz uma síntese dos resultados de pesquisas em nível de mestrado e doutorado sobre a produção literária infantil e juvenil na dimensão das relações étnico-raciais. Ao todo, foram 13 estudos captados no levantamento para o projeto “Educação das Relações Étnico-Raciais: o estado da arte”. Trata-se de pesquisas da pós-graduação em Educação, desenvolvidas entre os anos 2003 a 2014. Araújo (2018) chega ao seguinte resultado:

Via de regra, os estudos indicaram um consenso sobre mudanças, ainda que diminutas, na representação de personagens negras a partir de publicações literárias mais recentes, embora negras e negros ainda sejam minoria como personagens no universo literário infantil e juvenil de modo geral. E entre as lacunas identificadas por este levantamento está o pouco investimento de estudos na recepção da leitura literária, em especial com crianças pequenas. (ARAÚJO, 2018, p. 61-62).

Para Jovino (2006), é possível encontrar textos procedentes da tradição oral africana, como adaptações feitas a partir de contos, mitos e das lendas a produção literária infantil e juvenil contemporânea. A autora comenta que também encontra histórias que permitem ver uma ressignificação da personagem negra. Com estas

passando a serem personagens principais, apresentando ilustrações mais diversificadas.

Jovino (2006, p. 189) trata da ênfase na importância da figura da avó e da mãe:

Nas narrativas aparecem e passam por faixas etárias diferentes: crianças, adolescentes, mulheres negras. Um outro traço relevante é a ênfase na importância da figura da avó e da mãe na vida das personagens. Podemos notar uma valorização de um outro tipo de beleza e estética, diferentemente do segundo período em que se valorizava a beleza com traços brancos. As personagens negras são representadas com tranças de estilo africano, penteados e trajés variados.

Observamos essa valorização dos personagens nos livros “Sona contos Africanos desenhados na areia” e no livro “Black power de Akin”, pois a figura do avô é muito bem representada, tanto na escrita como nas ilustrações, respeitando seus traços negros e a forma como a figura do avô é importante na vida dos netos.

Araújo e Silva (2012), faz um: panorama da produção literária brasileira para crianças pequenas que apresentam em alguma medida personagens negras ou temáticas relacionadas à cultura e história africana e afro-brasileira.” (ARAÚJO; SILVA, 2012, p.194). A pesquisa consistiu no levantamento de obras literárias infantis e na análise de seus enredos, características tipográficas, ilustrações e a origem dos/as autores/as e dos/as ilustradores/as. Sendo desenvolvida entre outubro de 2010 a abril de 2011:

Os resultados obtidos nessa pesquisa apontam que houve significativa alteração na produção literária infantil brasileira no que se refere à presença da diversidade étnico-racial, sobretudo em relação a personagens negras. Os passos desenvolvidos na pesquisa evidenciaram que, em suma, a modificação do artigo 26A da LDB (pela sanção da Lei 10.639/2003, em particular para esta pesquisa) exerceu influência nas mudanças ocorridas nos últimos anos na produção literária brasileira. (ARAÚJO; SILVA, 2012, p. 217)

Observa-se que houve uma valorização da cultura africana e afro-brasileira e, com isso, o avanço nas publicações que apresentam essas questões para o público infantil. Araújo e Oliveira (2021, p. 77) comentam sobre esse movimento:

Nos últimos anos tem sido possível identificar um relativo aumento de publicações endereçadas ao público infantil com personagens negras protagonistas, especialmente em condição de valorização da cultura africana e afro-brasileira. Sobretudo as primeiras décadas deste século

evidenciam tal movimento, por meio de editoras pequenas ou em processo de consolidação no mercado, sendo a maioria delas engajadas com a luta antirracista. Tal movimento pode ser encarado como efeito de transformações sociais e educacionais, como as ações afirmativas e, em especial, as mudanças na legislação educacional brasileira ao tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, por meio da Lei 10.639/2003. Ainda assim, a relação entre o número de obras lançadas no mercado ano a ano e os títulos com esse protagonismo negro é desproporcional à representatividade da população negra, visto que tal categoria compõe mais de 50% da população brasileira, conforme dados do IBGE.

Ao refletir sobre a Lei 10.639/03³ como princípio para discussões e análises, não se pode ter uma visão ingênua pensando que essa legislação iria resolver todas as adversidades em relação ao racismo. Entende-se que a Lei abre passagens possíveis, até mesmo com a publicação das DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para a Educação das Relações Étnico-Raciais, para refletir na efetividade da Lei, na literatura, na educação, no ensino, entre outros.

A partir das ações afirmativas, as políticas de reparações são necessárias na sociedade: “Porém a inclusão da temática africana e afro-brasileira no currículo escolar não visa contemplar somente a população negra” (DEBUS, 2017, p. 28), uma vez que a sociedade é heterogênea, pois como vimos anteriormente, o negro foi pouco representado e quando representado, era sempre um personagem subalterno, obediente, entre outras características estereotipadas.

Debus (2017, p. 40) também comenta que a Lei 10.639/03 trouxe avanços:

[...] Como política pública de Ação Afirmativa, que reconhece a diversidade étnico-racial, valoriza a história e a cultura dos povos e se propõe a construir uma educação antirracista. Sem sombra de dúvidas, tal enfoque trouxe avanços para essas discussões no espaço escolar [...].

³ "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras. (BRASIL, 2003)

Mas apesar dos avanços, como professora,⁴ pude perceber que muitos alunos não conhecem o que é literatura de temática africana e afro-brasileira. Assim, é importante repensar estratégias para que a Lei 10.639/2003 não fique restrita ao ensino de história, também é necessária uma formação para os professores voltada as questões étnicos raciais e diferentes maneiras de trabalhar os livros infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira. Ainda faz-se necessário ampliar a divulgação desses livros nos meios de comunicação que os jovens mais usam.

Araújo e Oliveira (2021) e Debus (2017) concordam que houve um crescimento da produção literária infantil, africana e afro-brasileira. Debus (2017, p. 41) afirma que: “Curioso é que o mercado editorial brasileiro, mesmo que de forma tímida, tem ampliado o número de títulos que tematizam a cultura africana e afro-brasileira, por certo dialogando com a demanda da Lei n. 10.639/2003”. Ainda, sobre as obras que circulam no mercado editorial brasileiro atual, no que se refere à produção para a infância, Debus (2017, p. 26) divide os títulos em três grandes categorias:

A primeira categoria está circunscrita a uma literatura que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira, sem focalizar aquele que escreve (a autoria), mas sim o que tematiza. A segunda é aquela escrita por escritores afro-brasileiros – mesmo com dificuldades de delimitação [...]. A terceira é aquela de autoria africana e traz reflexões que podem resultar em várias subcategorias.

As obras que escolhi para analisar nessa dissertação se encaixam na primeira categoria, pois trazem como temática a cultura africana e afro-brasileira e também na segunda categoria pois ambos autores dos livros são afro-brasileiros. A obra “Sona contos africanos desenhados na areia” apresenta a cultura do povo quico, a arte *sona*, e “Black power de Akin” traz aspectos da ancestralidade. Ambas apresentam a relação, interação entre avô e neto. Araújo (2019, p. 114) comenta: “É na interação com o grupo que os laços afetivos, estéticos e culturais da criança são fortalecidos, por isso a ideia de que a comunidade seja um elemento realçado na produção literária de temática da cultura africana e afro-brasileira”.

Assim, utilizarei a expressão e definição temática africana e afro-brasileira, uma vez que as obras de nossa análise são escritas por uma autora negra e um

⁴ Trabalhei com o ensino fundamental anos finais, mais especificamente 8º ano, na disciplina de Estudo Orientado, em um colégio público em Ponta Grossa.

autor que se autodeclara pardo. Os livros apresentam personagens negras sem resquícios de estereótipos, mostram a criança como protagonista, tendo a família presente numa relação saudável. Além disso, as obras abordam as questões étnico-raciais e aspectos da ancestralidade. Há, ainda, a figura do avô, esse laço afetivo entre a criança e a pessoa mais velha, essa interação que faz toda a diferença na vida dos meninos em ambas as histórias.

1.3 MAPEAMENTO DE PESQUISAS NA UEPG COM A TEMÁTICA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Para iniciar uma pesquisa, é necessário buscar as referências que já existem sobre o tema. Irei priorizar as pesquisas dos programas de pós-graduações da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), especificamente nas áreas de História, Educação e Estudos da Linguagem, para observar a progressão das pesquisas que têm como tema principal as questões étnico-raciais. As palavras-chave principais para as buscas foram “temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros”.

Ainda terá como base o levantamento de teses e dissertações feitas por Silva (2022) em sua dissertação de mestrado. As pesquisas foram publicadas no período de 2003 a 2020 e as fontes utilizadas foram o catálogo de Teses de dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações — BDTD.

O Programa *stricto sensu* em História, com a área de concentração em História, Cultura e Identidades, caracteriza-se por articular essas três questões em um campo teórico-metodológico de pesquisas atuais. Tendo como linha de pesquisa Instituições e sujeitos: saberes e práticas. A história confronta-se com a exigência de responder as perguntas do universo cultural, sobretudo àquelas relacionadas às questões de gênero, etnicidade, educação, religiosidade, etc. Iniciarei fazendo o levantamento das dissertações na pós-graduação em História, sendo ao todo 110 trabalhos. Foram encontradas 20 pesquisas sobre “temática africana e afro-brasileira”, mas somente 4 apresentam essa questão como principal, e nenhum resultado para “personagens negros”. Como será visto adiante:

Quadro 1: Dissertações da pós-graduação em História

PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA				
TÍTULO	AUTOR (A)	ORIENTADOR (A)	ANO	OBJETIVO
Lei 10.639/03: o que os alunos do 1º ano do ensino médio sabem sobre a história africana e afro-brasileira?	Rubia Caroline Janz	Prof. Dr. Luis Fernando Cerri	2016	Verificar se o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana tem alcançado os resultados a que se propõe, a partir da implementação da Lei 10.639/03
A Invernada Paiol de Telha e a Nova Legislação Quilombola (1975-2015)	Adriana Ribas Adriano Cararo	Prof. Dr. Robson Laverdi	2016	Mostrar a importância da legislação quilombola, principalmente o Decreto 4.887/2003 para que as comunidades rurais negras, como Invernada do Paiol da Telha, pudessem reaver seus antigos territórios e terem a titulação definitiva dos mesmos.
A educação das relações étnico-raciais através da escuta sobre a história de vida.	Méris Nelita Fauth Bertin	Profº Drº Luis Fernando Cerri.	2018	Investigar em que medida as aulas de história baseadas na experiência do outro podem contribuir para que o aluno expanda suas experiências, reconheça as desigualdades originadas da discriminação racial.
Mulheres negras no ensino de história do Brasil: a história de Maria Firmina dos Reis.	Elaine Lopes	Profª Drª. Angela Ribeiro Ferreira	2021	Tem por objetivo dar visibilidade às mulheres negras protagonistas através das suas biografias, na narrativa da História do Brasil, no ensino de história.

Fonte: elaborado pela autora a partir de levantamento no site da UEPG, na página de pós-graduação

Quando pesquisada a palavra-chave “temática africana e afro-brasileira”, obtive 4 pesquisas que apresentam como tema principal questões étnico-raciais, sendo duas dissertações em 2016, uma em 2018 e outra em 2021. Sabendo que no total são 110 dissertações defendidas nesse período, as quatro retornadas em nossas buscas evidenciam que faltam pesquisas nesse campo. Ao ler as 4 dissertações, constatei que nenhuma dialoga com minha pesquisa de mestrado, pois

cada uma tem um objetivo diferente, sendo que nenhuma pesquisa apresenta “personagens negros”.

O programa de Pós-Graduação em Educação iniciou-se em 1994, com a implantação do Mestrado em Educação e possui três linhas de pesquisa. Nele, todos os educadores são vistos como atores sociais num contexto social, o programa visa permanentemente a formação de educadores e de pesquisadores capazes de apreender os elementos da ação educativa.

A segunda “Ensino e Aprendizagem” mantém ligação entre o profissional da educação e o educando, o fazer docente e o desempenho discente, a organização do trabalho pedagógico e a construção do conhecimento, a compreensão e transformação da realidade. E por último, “História e Políticas Educacionais” promove um debate acerca das relações entre história, sociedade e educação, além de aprofundar as questões que objetivam conhecer as diversas perspectivas (filosóficas, históricos, econômico, sociais e culturais) que interagem nas políticas educacionais das diferentes sociedades.

Iniciei com o levantamento das dissertações e teses na pós-graduação em Educação, porém, a página não tem a opção da barra de pesquisa, então não foi possível pesquisar por palavra-chave, logo tivemos que averiguar todas as dissertações e teses que tinham como tema principal “temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros” ou que trouxesse questões étnico-raciais como principais. Verifiquei todas as dissertações desde o início da pós-graduação, em 1996 até 2021, e as teses, desde 2014 até 2022. Como será visto a seguir:

Quadro 2: Dissertações e Teses da pós-graduação em Educação

(continua)

PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO					
TÍTULO	T/D	AUTOR (A)	ORIENTAÇÃO	ANO	OBJETIVO

Quadro 2: Dissertações e Teses da pós-graduação em Educação

(continuação)

Os cotistas negros na universidade: perfis e representações	D	Sabrina Plá	Profº Drº Luis Fernando Cerri	2009	O objeto da investigação é analisar o desempenho e a inserção dos cotistas negros nos seus primeiros anos no curso universitário.
A educação e os escravos nas páginas do jornal “Dezenove de Dezembro” (1871-1888)	D	Cebilla Moletta Slotuk	Profª Draª Maria Isabel Moura Nascimento	2015	Compreender as relações entre os interesses políticos, econômicos e sociais, com a educação para os escravos no Paraná a partir das publicações no jornal Dezenove de Dezembro nos anos 1871, 1885 e 1888.
A (in) existência de um projeto educacional para os negros quilombolas no Paraná: do império a república.	T	Lucia Mara de Lima Padilha	Profª Dra. Maria Isabel Moura Nascimento	2016	Analisar a educação pública e estatal republicana e a (in) existência de um projeto educacional para os negros do Paraná.
Os caminhos das políticas para a população negra no ensino superior: um estudo sobre a organização e a condução das ações afirmativas na Universidade Estadual de Ponta Grossa entre os anos 2013 a 2016	D	Isis Tomas da Silva	Profª Draª Maria Isabel Moura Nascimento	2020	Desvelar como o sistema de reserva de vagas tem afetado o ingresso de alunos negros na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, no período de 2013 a 2016.

Fonte: elaborado pela autora a partir de levantamento no site da UEPG, na página de pós-graduação.

Não foi possível verificar o total de produções na página do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG, devido às configurações de busca do site. No entanto, a partir da tabela acima, posso afirmar que somente três dissertações, uma de 2009, uma de 2015, outra de 2020 e uma tese em 2016 tinham como tema principal questões étnico-raciais. Sendo que nenhuma destas tem como tema a

“temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros”, com isso constato que também são escassas as dissertações, sobretudo as teses que abordam essas questões. Ao ler as dissertações e a tese, busquei questões que dialogassem com a nossa pesquisa, porém, a abordagem de cada uma é diferente e não consegui.

A pós-graduação em Estudos da Linguagem, com área de concentração em “Linguagem, Identidade e Subjetividade”, tem como objetivo oportunizar reflexões relacionadas à linguagem e à formação de professores da área. O Programa promove uma maior aproximação entre as questões voltadas para as relações entre linguagem, língua e literatura, debatendo os horizontes teóricos em transversalidade com o texto e a subjetividade. A página do Programa não oferece a opção de pesquisar por palavra-chave, logo averigui todas as dissertações que tinham como tema principal “temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros” ou que trouxesse questões étnico-raciais. Verifiquei pesquisas desde o início da pós-graduação, em 2012, até 2022. Dos trabalhos retornados, somente 18 apresentaram a temática negra como principal, como será visto a seguir:

Quadro 3: Dissertações da pós-graduação em Estudos da Linguagem

(continuação)

PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM				
TÍTULO	AUTOR (A)	ORIENTADOR (A)	ANO	OBJETIVO
Atlântico Negro Paiol: Como estão sendo conduzidas as questões de raça e etnia nas aulas de Língua Inglesa?	Mábia Camargo	Prof ^a Dr ^a . Aparecida de Jesus Ferreira	2012	Examinar como tem sido trabalhada a questão étnico-racial nas aulas de inglês, a partir da aplicação de uma proposta pedagógica na forma de unidade didática, desenvolvida de modo a favorecer a observação do modo como as identidades sociais de raça podem ser formadas do ensino de língua inglesa na referida escola.

Quadro 3: Dissertações da pós-graduação em Estudos da Linguagem

(continuação)

A realidade de uma comunidade negra rural de Ponta Grossa/PR em contexto escolar: Identidade Negra e racismo.	Evelise dos Santos do Nascimento	Prof ^a Dr ^a Leticia Fraga	2014	Analisar a compreensão que professores/as, equipe pedagógica e mães de alunos/as que trabalham/convivem com alunos/as negros/as demonstram ter por meio de seus discursos em relação à lei federal nº 11.645/08, à identidade negra e ao racismo presente na escola.
“NÃO ADIANTA QUERER SER, TEM QUE TER PRA TROCAR, O MUNDO É DIFERENTE DA PONTE PRA CÁ”: Juventudes e identidades de raça, gênero e sexualidade a partir de um projeto de extensão do NUREGS.	Silionara Aparecida Madureira	Prof ^a Dr ^a Ione da Silva Jovino	2015	Observar de que modo um projeto de extensão, visto como um processo educativo, cultural e científico, pode contribuir na (re)construção das identidades de jovens bolsistas e jovens da comunidade, tornando estes capazes de se integrar socialmente com excelência e acima de tudo respeito ao próximo e a si mesmo.
Construção das identidades sociais de raça com intersecção de classe nos livros didáticos de inglês do ensino médio aprovados pelos PNLD's 2012 e 2015.	Lilian Paula Dambrós	Prof ^a Dra ^a Aparecida de Jesus Ferreira	2016	Analisar os livros didáticos de língua estrangeira moderna, inglês, indicados pelos PNLD's 2012 e 2015, em relação à representação de identidades sociais de raça e classe, e sua relação com os multiletramentos.

Quadro 3: Dissertações da pós-graduação em Estudos da Linguagem

(continuação)

Um olhar sobre as representações de identidades sociais de raça: análise de livros didáticos para o ensino de Espanhol/LE.	Édina Aparecida da Silva Enevan	Prof ^a Dra ^a Ione da Silva Jovino	2016	Analisar as representações de identidades sociais de raça em duas coleções de livros didáticos de Espanhol para o ensino Médio, uma indicada pelo PNLD 2012 e outra resultante de um projeto PIBID letras, da subárea de Espanhol da UEPG.
“Quem tem medo da palavra negro?”, morenos, misturados, mestiços, cafusos, mulatos, escuros, preto social participantes do clube 13 de maio – Ponta Grossa (PR).	Merylin Ricieli dos Santos	Prof ^a Dra ^a Ione da Silva Jovino	2016	Analisar como os discursos construídos sobre um clube negro, situado em uma cidade com valores brancos, indiciam as construções das identidades dos sujeitos que dele participam ou participaram.
Identidades de raça, de gênero e de sexualidade nas aulas de Língua Inglesa na visão das/os estudantes.	Rosana Aparecida Ribeiro de Sene	Prof ^a Dra ^a Aparecida de Jesus Ferreira	2017	Investigar as identidades de raça, de gênero e sexualidade nas aulas de língua inglesa, de maneira a contribuir para o “empoderamento” de tais identidades, como instrumento para desestabilizar o que está sobreposto à sociedade como “identidade ideal”.
Letramento crítico e vozes de alunas e professora acerca das identidades sociais de gênero com intersecção de raça e de classe no livro didático de língua inglesa.	Michele Padilha Santa Clara	Prof ^a Dra ^a Aparecida de Jesus Ferreira	2017	Analisar como as identidades sociais de gênero com intersecção de raça e de classe são representadas por meio das imagens e do discurso escrito presentes no LD de LI aprovado pelo PNLD 2015, <i>Way to Go 1</i> .

Quadro 3: Dissertações da pós-graduação em Estudos da Linguagem

(continuação)

“Quando me dei conta de que era negra(o)/branca(o)?”: um estudo a partir de relatos autobiográficos de estudantes adolescentes.	Marivete Souta	Prof ^a Dra ^a Ione da Silva Jovino	2017	Identificar como as (os) alunas (os) brancas (os) negras (os) expressam suas identidades étnico-raciais por meio da produção de textos autobiográficos, a partir de uma intervenção pedagógica.
Das teias de ananse para o mundo – áfricas e africanidades na literatura infantil e juvenil contemporânea em língua espanhola	Renan Fagundes de Souza	Prof ^a Dra ^a Ione da Silva Jovino	2017	Identificar os traços de africanidades na literatura infantil e juvenil de língua espanhola em seu contexto afrodiáspórico.
A identidade negra nas imagens do livro didático de história através do olhar dos/as alunos/as.	Paola Clarinda de Freitas Oniesko	Prof ^a Dra ^a Aparecida de Jesus Ferreira	2018	Perceber como se dá recepção dos/as alunos/as diante da composição imagética do livro didático de história que utilizam. Também, analisar a construção das identidades raciais através das imagens do livro didático de história do 8º ano da coleção “História.doc” do PNLD 2017
Discursos sobre a África presentes na mídia brasileira	Temitope Jane Aransiola	Prof ^o Dra. Aparecida de Jesus Ferreira	2018	Analisar os discursos presentes nos jornais <i>Folha de São Paulo</i> e <i>O Globo</i> durante dois períodos, o da Copa do Mundo em 2010 na África do Sul e durante o Surto de Ebola em 2014 em alguns Países da África Ocidental, com vistas observar como se constroem representações sobre África e os africanos nesses discursos.

Quadro 3: Dissertações da pós-graduação em Estudos da Linguagem

(conclusão)

Letramento Racial Crítico nas series iniciais do Ensino Fundamental I a partir de livros de literatura infantil: Os primeiros livros são para sempre	Keila de Oliveira	Prof. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira	2019	Perceber como as crianças, com idade entre 5 e 10 anos, (re)conhecem sua identidade racial (uma amostra a partir da observação de três turmas do Ensino Fundamental I).
Presença das mulheres negras em ponta grossa/pr: histórias de vida	Vanessa Aparecida Oliveira	Prof. ^a Dr. ^a Rosangela Schardong	2019	Colocar em evidência a presença sociocultural das mulheres negras de Ponta Grossa, dando visibilidade e escuta a elas para que possam contar a sua própria história de vida.
Letramento racial crítico: o encantamento do livro “o mundo no black power de tayó” em uma proposição didática	Samantha Schäfer	Prof. ^a . Dra. Aparecida de Jesus Ferreira.	2021	Identificar de que forma o livro de literatura infantil “o mundo no black power de tayó” aborda a identidade de crianças negras. Entender como as atividades de uma pd com ênfase no lrc podem colaborar para o fortalecimento da identidade racial de crianças negras.
Análise de imagens de pessoas da raça negra no livro didático de língua inglesa à luz da gramática do design visual	Carla Fernanda Stumpf Murialdo	Prof. a Dra Sulany Silveira dos Santos	2021	Compreender como são representadas as pessoas negras presentes nas Unidades 4 e 5 do volume 1 da coleção Way to English for Brazilian Learners, de autoria de Franco e Tavares (2015).
Letramento racial crítico e intersecção com gênero nas aulas de língua inglesa no curso formação de docentes	Valéria Câmara da Silva	Prof. (a) Dr. (a) Aparecida de Jesus Ferreira.	2021	Verificar, por meio das narrativas autobiográficas, a percepção de raça e de gênero das alunas do 3º Ano do Curso de Formação de Docentes.
Professoras universitárias negras de língua inglesa do brasil e o letramento racial crítico: práticas subversivas em narrativas autobiográficas	Luara rodrigues real	Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira	2022	Analisar narrativas autobiográficas de professoras negras do ensino superior brasileiro, que lecionam disciplinas de língua inglesa para evidenciar os aspectos subversivos de suas práticas e a importância para os ambientes de atuação e para a educação como um todo.

Fonte: elaborado pela autora a partir de levantamento no site da UEPG, na página de pós-graduação.

Com base no quadro acima, constatei que O Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da UEPG tem um número maior de pesquisas sobre as

questões étnico-raciais, totalizando 18 trabalhos encontrados. Averigüei que 2016 e 2021 foram os anos que mais tiveram pesquisas na área, logo, posso afirmar que está tendo um aumento de trabalhos com a temática africana e afro-brasileira, mesmo que em 2013 e 2020 não apresentem nenhuma pesquisa relacionada à área de temática negra.

Ao ler as dissertações de mestrados, percebi que a minha pesquisa dialoga com o trabalho de Souza (2017), uma vez que ele apresenta o contexto histórico da literatura infantil e juvenil e analisa dois contos africanos pertencentes a Costa Rica e Guiné-Equatorial, porém, em língua espanhola. Oniesko (2018) faz uma leitura das imagens constituintes dos livros didáticos de história na construção das identidades sociais de raça, observando como são construídas as identidades raciais através das imagens, de certa forma essa pesquisa dialoga com a nossa dissertação, pois também fizemos uma análise de imagens.

A dissertação de Oliveira (2019) traz uma reflexão sobre a representação da criança negra em três livros de Literatura Infantil, sendo eles: “As bonecas negras de Lara; Betina”; “Cada um com seu jeito, cada jeito é de um”. Sobre possíveis temas que poderiam ser discutidos no momento da contação das histórias ou durante as atividades em sala de aula e, nesse aspecto, dialoga com a nossa pesquisa, pois também não fizemos uma análise literária, mas sim uma análise temática.

Já a pesquisa de Schäfer (2021) identifica de que forma o livro de literatura infantil “O Mundo no Black Power de Tayó” aborda a identidade de crianças negras. A autora irá analisar de forma a levar em conta os aspectos que considerar mais importantes, tanto do texto quanto das ilustrações. E nesse quesito dialoga com a nossa dissertação, pois a autora de “O Mundo no *Black Power* de Tayó”, é a mesma de “*Black power* de Akin”, obra abordada em nossa análise temática. Outro aspecto é que analisaremos algumas ilustrações das obras “*Black power* de Akin” e “Sona contos africanos desenhados na areia”.

A partir do levantamento bibliográfico, constatei que os programas de pós-graduação em História e em Educação estão escassos de pesquisas relacionadas a questões étnico-raciais. Já a pós-graduação em Estudos da Linguagem apresenta mais pesquisas sobre letramento racial, identidade de raça, entre outras, tendo praticamente um trabalho por ano sobre a temática.

Agora, apresentarei o levantamento de teses e dissertações feitas por Silva (2022)⁵, com pesquisas publicadas no período de 2003 a 2020, as fontes utilizadas pela autora foram o catálogo de Teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações — BDTD. Ela observou trabalhos que se dedicaram às personagens negras infantis, além de verificar e comparar as suas características. As palavras-chaves principais para as nossas buscas foram “temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros” e a palavra-chave utilizada por Silva (2022) foi personagens negras infantis, que dialoga com nossa dissertação, uma vez que no subcapítulo “Temática africana e afro-brasileira” refletimos sobre os personagens negros.

A autora apresenta o Quadro 3 – Levantamento de pesquisas com personagens negras infantis das bases CAPES e BDTD. O ano com maior número de publicações é 2020, com 2 publicações, o que indica uma pequena quantidade de pesquisas sobre o tema. Todas elas são dissertações de mestrado, em que 4 são da área da Educação e 4 da Literatura.

Na Tabela 1– Quantidade de obras, acervo e classificação presentes nas pesquisas, Silva (2022) apresenta a quantidade de obras analisadas, em cada uma das pesquisas selecionadas, seus respectivos acervos e o modo como classificaram as obras escolhidas. Os anos de publicação dessas obras estão entre o intervalo de 1986 a 2013, com destaque para os anos 2000 com 20 publicações. Dupont (2013) foi a que analisou uma maior quantidade obras (24). A quantidade média foi de 3 a 10 obras analisadas por pesquisa.

A partir disso, a autora conclui que as pesquisas indicadas apresentaram como resultado uma perspectiva otimista apontando para a superação dos estereótipos racistas, como uma tendência nos livros infantis contemporâneos com personagens negros. Os resultados indicam uma mudança na direção da valorização da estética e da cultura negra, desse modo, as pesquisadoras têm atribuído às obras de literatura infantil o papel de ajudar na construção da identidade da criança negra.

À vista disso, o objetivo do levantamento de pesquisas nos programas de Pós-graduação em História, em Educação e em Estudos da Linguagem da

⁵https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/15922/Silva_AyodeleF_dissertacao_2022.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Universidade Estadual de Ponta Grossa foi encontrar pesquisas com as seguintes palavras-chaves: “Temática africana e afro-brasileira” e “personagens negros”. Foram encontrados trabalhos com temática africana e afro-brasileira, sendo que apenas quatro dos trabalhos encontrados apresentam temática comum à nossa pesquisa. O levantamento de pesquisas feita por Silva (2022) no BDTD e CAPES, dedicou-se às personagens negras infantis e, como pudemos constatar, os resultados apresentaram uma perspectiva otimista em relação as obras da literatura infantil.

Portanto, pondero que esta pesquisa tem relevância no que se propõe a fazer, uma vez que tem como objetivo principal analisar os personagens principais, os avós e as crianças, a interação, a relação de afeto entre avô e neto, pensando em como a ancestralidade está ligada a este aspecto nas duas obras da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira: “*Sona contos africanos desenhados na areia*” de Rogério Andrade Barbosa e “*Black power* de Akin”, de Kiusam de Oliveira.

2 APRESENTANDO AUTORES E ANALISANDO AS OBRAS

Nesse capítulo, apresentarei uma breve biografia dos autores das obras analisadas, Rogério Andrade Barbosa e Kiusam Regina de Oliveira. Na sequência, contextualizei as obras literárias, justificando a escolha de “Sona contos africanos desenhados na areia” e “*Black power* de Akin” para análise temática nessa pesquisa.

2.1 AUTORES

Rogério Andrade Barbosa, que tem se autodeclarado pardo, escreveu a obra “Sona contos africanos desenhados na areia”. Segundo informações do site Literafro (2019)⁶, o autor nasceu em 1947, em Campo Belo, Minas Gerais. Ele é graduado em Letras pela Universidade Federal Fluminense e pós-graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Morou na Guiné-Bissau e se candidatou para ser professor e voluntário da Organização das Nações Unidas.

A partir dessa experiência, Rogério Andrade Barbosa trouxe para o Brasil diversas histórias da tradição oral do continente africano, que foram publicadas pelo escritor a partir de 1987, com o lançamento de “Bichos da África, lendas e fábulas”, que se converteu numa coleção de quatro volumes. Barbosa é estudioso do folclore nacional e também se dedica a lendas populares das várias regiões do Brasil. Atualmente, é um dos escritores mais atuantes na literatura infantil e viaja pelo Brasil por meio do projeto “Proler”, da fundação Biblioteca Nacional.

Kiusam Regina de Oliveira, escritora negra, é autora da obra “*Black power* de Akin”. Ainda de acordo com o site Literafro (2021), ela nasceu em Santo André- SP, é graduada em Pedagogia, mestre em Psicologia e doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Escritora e arte-educadora, também foi orientadora pedagógica do projeto Geração XXI. De 2005 a 2016, auxiliou na implementação da Lei 10.639/03 em Diadema/SP e chefiou a educação especial, quase no mesmo período, de 2005 até 2008. É contadora de histórias da mitologia-afro africana, coreógrafa e bailarina. Trabalhou como assessora na Secretaria de Cultura de Diadema, dedicando-se às questões de gênero e raça, focalizando na dança, em 2010 e 2011.

⁶ O **literafro** é um portal da literatura afro-brasileira. Conforme explicação no próprio site, se origina em 2004 e “é fruto do trabalho do Grupo de Interinstitucional de Pesquisa Afrodescendências na Literatura Brasileira, constituído em 2001 e sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA, da Faculdade de Letras da UFMG”

Foi professora da EREER na Ufes de 2016 a 2018. Ainda em 2010 representou o Brasil na FERMAN (Festival Mundial de Artes Negras) no Senegal.

2.2 OBRAS

“*Sona contos africanos desenhados na areia*” foi publicado em 2020 pela Editora o Brasil. A história se inicia com o narrador contando que seu avô é respeitado por todos na comunidade onde vivem. *Akwa kuta sona* é como chamam os mestres que contam histórias e desenhavam na areia. O povo quioco, ao qual os personagens pertencem, tem grande respeito pelas tradições repassadas pelos ancestrais, uma vez que os mais velhos transmitem seus conhecimentos aos mais jovens, para que esses saberes não caiam no esquecimento.

O avô da criança foi quem o ensinou a fazer os primeiros rabiscos na areia, o mesmo passava horas ao lado dele, ouvindo histórias enquanto marcava e riscava o chão. Para realizar os desenhos, é necessário ter muita habilidade, técnica e saber muitas histórias, pois ao mesmo tempo em que a história é contada, é preciso traçar uma linha em torno dos pontos, sem parar e dependendo do número de personagens, da história, podem ser feitos diversos desenhos.

Já a obra “*Black power de Akin*”, foi publicada em 2020, pela Editora de Cultura. A narrativa apresenta a história do jovem negro Akin e de seu avô Dito Pereira, que é responsável pelos três netos, Femi, caçula de 4 anos, Kayin de 6 anos e Akin de 12 anos, que vivem em harmonia, sempre unidos.

Certo dia, Akin acorda, ajeita o cabelo, mas não gosta muito, molha o cabelo para ficar assentado, grudado na cabeça e coloca um boné. Seu avô até pergunta por que ele coloca aquele boné todos os dias para ir à aula, o menino responde que está na moda, todos da sua classe usam. Na escola, no intervalo, Akin foi brincar com seus colegas, Paulo e Marcos, num determinado momento da brincadeira Paulo chama Akin de “pelé” e de “buiú”. O menino não compreendia por que estava sendo chamado daquela forma, ficou chateado, se afastou do grupo e não entendia como seus colegas eram capazes de tratá-lo com aqueles xingamentos e apelidos que reforçavam sua cor da pele. Depois, Paulo e André convidaram Akin para brincar de polícia e ladrão, logo ele aceitou brincar e disse que queria ser polícia, mas um dos colegas respondeu

que onde já se viu uma pessoa de cor brincar de ser polícia, ele seria o ladrão. Ali o menino percebeu todo o preconceito que seus colegas expressavam. No outro dia, Akin também sofreu racismo de seus colegas, quando tiraram seu boné e disseram que seu cabelo era duro, torcido. Akin fugiu da escola e foi para a casa, se olhou no espelho e decidiu cortar seus cabelos, mas o avô chegou e não o deixou fazer isso.

Akin conta tudo o que ocorreu na escola e pergunta como irá para a aula no dia seguinte, pois seus colegas disseram que seu cabelo é duro e não lhe devolveram seu boné. O avô colhe umas ervas do quintal, junta com banha de porco e faz um preparado para passar no cabelo do neto e lhe mostra fotos de reis e rainhas africanos. Enquanto Dito passa a receita que fez no cabelo de Akin, este descobre um garfo de marfim, que foi usado pela nobreza africana, o avô não poupou o creme, nem os fios crespos do cabelo do neto e fez o maior *black power*.

Agora confiante, Akin ergue seu cabelo *black power* e se sente um príncipe. No dia seguinte, Dito Pereira foi até a escola para contar a todos sobre a história de sua família. E todos ficam encantados. Os colegas de Akin pedem desculpas e voltam a brincar com ele. O menino sentiu profundamente o respeito dos colegas.

2.3 A ESCOLHA DAS OBRAS

A escolha das obras se deu porque considero alguns aspectos em específico:

- a) A classificação delas ser possível também no campo da literatura infantil e juvenil;
- b) Ambas as obras evitam estereótipos, ou seja, não trabalham com crianças negras que sofrem violência, seja física ou psicológica, que não convivem em família ou são maltratadas. Isto é, não reforçam a visão de senso comum que muitos têm sobre alguns países africanos, como a miséria, a fome e a violência;
- c) Representam a escrita literária afro-brasileira, uma vez que Kiusam é uma mulher negra e Rogério se autodeclara pardo.

Por este motivo, optei por analisar as obras “*Black power* de Akin”, de Kiusam de Oliveira, e “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, de Rogério

Andrade Barbosa, que apresentam a criança como protagonista, tendo a família presente numa relação saudável, o que gera harmonia. Além disso, as obras trazem aspectos de tradição, a ancestralidade e ainda contam com ilustrações belas, delicadas e representativas.

2.4 ANÁLISE TEMÁTICA

Neste capítulo, para a análise temática, utilizarei categorias desenvolvidas na pesquisa de mestrado de Silva (2022), que tem como tema principal a presença das personagens negras nos livros de literatura infantil contemporânea. Para contextualizar seu trabalho, Silva (2022) explica que releu alguns títulos do acervo utilizado no projeto *Literatura Infantil Negra e a Primeira Infância*⁷, tentando problematizar o tema em questão.

Silva (2022) discorre também sobre Debus (2017), para quem, depois da promulgação da Lei 10.639/2003, o número de publicações com personagens negras aumentou, sendo essas personagens representadas de forma mais valorizada. Silva (2022) salienta que já tinha uma base para análise que indicava que estava ocorrendo mudanças, a partir do acervo do projeto *Literatura Infantil Negra e a Primeira Infância* que apresenta obras literárias.

A partir disso, a autora chega à seguinte questão de pesquisa: como são as experiências das personagens infantis negras nas narrativas dos livros de literatura infantil contemporâneas publicadas no período entre 2010 a 2020? E a partir da experiência como leitora, percebeu que os novos autores e autoras passaram a considerar as crianças negras como potenciais leitoras e construíram personagens infantis negras como protagonistas. Com isso, o objetivo de sua pesquisa foi analisar e interpretar as experiências de personagens negras infantis presentes nas obras de literatura infantil do acervo do projeto *Literatura Infantil Negra e a Primeira Infância*.

A dissertação de Silva (2022) dialoga com alguns aspectos da minha pesquisa, pois também discorro sobre a Lei 10.639/2003, sobre o aumento de livros da literatura africana e afro-brasileira na área da literatura infantil e juvenil. Além

⁷ A base do projeto *Literatura Negra e a Primeira Infância* era a construção de um acervo de livros infantis com personagens negras, pois além de facilitar a circulação da produção literária infantil contemporânea, eu almejava contribuir com a promoção da igualdade étnico-racial.

disso, a autora selecionou 6 obras do acervo, que apresentam personagens negros como protagonistas. Nessa perspectiva de diálogo, optei por nos voltar às categorias de análise que a Silva (2022) elencou.

Silva (2022) apresenta quatro categorias: I) A “Caracterização das personagens centrais”, que trata do desenvolvimento do conflito dramático, já que as ações da personagem central são fundamentais para a constituição dessas. II) O “Espaço”, que é reconhecido como um elemento importante, uma vez que é nele que acontecem as experiências das personagens, podendo ser casa, escola, trabalho ou parque; III) O “Tempo”, que se relaciona à sucessão de acontecimentos externos à personagem, como a passagem dos dias, das estações, dos meses e dos anos; E, por último, IV) As “Interações”, que representam toda relação que se estabelece entre os personagens.

Neste trabalho, utilizarei três categorias, sendo elas: a caracterização das personagens centrais, o espaço e as interações. A escolha desses três aspectos se deu porque nosso objetivo é analisar os personagens principais, os avós e as crianças, e a interação, a relação de afeto entre avô e neto, pensando em como a ancestralidade está ligada a este aspecto. A seguir, apresentarei a descrição mais detalhada de cada uma das categorias, do aspecto da ancestralidade e como elas ancoram a análise das obras.⁸

2.5 CARACTERIZAÇÃO DAS PERSONAGENS CENTRAIS

Silva (2022, p. 77) enuncia o que considera a caracterização das personagens centrais:

Considero como a experiência central de uma obra, aquela sem a qual não há o desenvolvimento do conflito dramático. Nesse sentido, a experiência se coloca lado a lado com o conflito central da narrativa, já que as ações da personagem central são fundamentais para a constituição dessa. No acervo selecionado, as experiências principais vividas pelas personagens infantis negras podem ser caracterizadas como de: mudança de preferência, medo do escuro, tornar-se a irmã mais velha, percepção corporal, discriminação racial, negritude, reconhecimento dos sentimentos, ver o mundo e heroísmo.

⁸ Gostaria de salientar que sei da existência dos paratextos em ambas as obras analisadas, compreendo a impacto sobre os livros, mas optei por não analisar.

O conflito dramático seria aquele pelo qual o protagonista passa as situações que ele vive, como, por exemplo, alguma aprendizagem nova, alguma situação de desconforto, interação com as pessoas, felicidade, tristeza. A forma como essas questões afetam sua vida gera o conflito central da narrativa, com isso, os protagonistas da obra vão sendo caracterizados.

Em “Sona Contos Africanos desenhados na areia”, um dos personagens centrais é o avô que ensina a arte sona, que é desenhar na areia enquanto conta uma história. Ele é um senhor que vive na comunidade quioco, sendo respeitado por todos e tem a admiração de seu neto. O segundo personagem principal é o menino, uma criança que também vive na comunidade juntamente com seu avô e sua mãe, gosta de aprender, presta muita atenção dos ensinamentos do avô. O que gera o conflito dramático é o fato de o avô ensinar a arte sona para o neto.

Observei que a obra é narrada em primeira pessoa, então se tem alguém contando uma história que ocorreu consigo mesma, mas não podemos afirmar que o narrador é uma criança, pois há trechos em que a linguagem é muito rebuscada para alguém ainda tão jovem: “A arte de desenhar na areia e as pinturas nas paredes das casas são nossas maiores riquezas” (BARBOSA, 2020, p.1). Também se percebe essa linguagem em outro fragmento: “Depois, com a ponta do dedo, marca-se uma série de pontos que assinalam os lugares e personagens que irão fazer parte da história”. (BARBOSA, 2020, p.13)

O narrador poderia ser então um adolescente ou um jovem adulto se recordando de sua infância. No último parágrafo do livro, por exemplo, sabe-se que o narrador não é um ancião em sua comunidade, pois ainda busca os conhecimentos observando os mais velhos: “Os mais velhos, de acordo com um provérbio de nossa gente, sabem mais, porque viveram mais. É com eles, escutando e observando, que continuo praticando para me tornar um *akwa kuta sona* tão bom e admirado quanto o vovô”. (BARBOSA, 2020, p. 29).

No trecho a seguir, o narrador profere sobre aprender a arte *sona*: “Parece fácil, mas não é. Para realizar os *sona*, nome que damos aos desenhos, o contador precisa ter muita habilidade e saber de cor um monte de histórias.” (BARBOSA, 2020, p. 11). A partir desse fragmento, o narrador conta passo a passo sobre como desenhar na areia enquanto se narra uma história, ainda discorre como vivencia essa experiência. O narrador presta muita atenção aos ensinamentos, pois também quer fazer a arte com perfeição:

Em seguida, ao mesmo tempo que a história é contada, é preciso traçar uma linha contínua em torno dos pontos, contornando-os, sem parar um instante sequer. Ah, nessa etapa, o desenhista não pode tirar o dedo do chão. Essa, para mim, é a parte mais difícil para fazer os *sona* com perfeição. (BARBOSA, 2020, p. 14)

O avô tinha paciência, gostava de ensinar a arte *sona*, pois passava horas contando histórias e desenhando na areia. “E foi o vô quem me ensinou a fazer os primeiros rabiscos. Eu passava horas ao seu lado, ouvindo-o contar histórias, enquanto ele ia marcando e riscando o chão.” (BARBOSA, 2020, p. 9)

Em “*Black power* de Akin”, os personagens principais são Akin e o avô Dito. Akin é um menino amoroso, que gosta da companhia dos irmãos, gosta de brincar e tem muita admiração pelos ensinamentos do avô. Seu Dito Pereira, já é um idoso, muito amoroso com os netos, sempre está tentando ajudar e tem muita sabedoria.

O conflito principal se dá pelo racismo que Akin sofre na escola por parte de Paulo e Marcos. Destaco alguns momentos do livro, quando seus dois colegas de classe proferem os seguintes xingamentos: “Peguei! Peguei o “Pelé!” (OLIVEIRA, 2020, p. 14). “Achei! Achei o “Buiú!” (OLIVEIRA, 2020, p. 15). “O cabelo do Akin é duro e torcido, duro e torcido [...]” (OLIVEIRA, 2020, p. 20). E ainda pela relação mais estreita que Akin estabelece com seu avô partir desses episódios.

As situações de racismo sofridas por Akin poderiam comprometer o processo de construção da identidade de criança, entretanto, a presença do avô em sua vida fez toda a diferença para que o menino não entrasse em um processo depreciativo. Seu Dito Pereira não o deixou cortar o cabelo, dando-lhe um abraço para acalmá-lo. Akin disse ao avô que queria ser branco: “Ô, meu avô... eu só queria ser diferente do que sou: queria ser branco! Eu olho a televisão, olho as revistas e não vejo ninguém parecido com a gente, vô, com nossa cor, com o nosso cabelo. Ninguém me acha bonito.” (OLIVEIRA, 2020, p. 22). Observa-se, o quanto estava com a autoestima baixa e seu Dito Pereira adverte: “Chega de bestagem, menino! Você precisa dar um jeito nisso e parar de se sentir menos que os outros. Deve se aceitar do jeito que é e se achar muito formoso” (OLIVEIRA, 2020, p. 22).

E o avô incentivou o menino a se achar belo do jeito que é, mostrou-lhe fotos e desenhos de seus ancestrais negros, contou que herdaram os cabelos crespos dos antepassados, de reis e rainhas, africanos e africanas. E partir de um creme à base de ervas, e com o uso do dente de marfim, realçou a beleza do cabelo de Akin.

Quando Akin se olhou no espelho, se sentiu um príncipe africano. A relação de Dito Pereira e Akin também se encaixa como um conflito.

Além disso, é importante analisar a linguagem utilizada pelas personagens crianças em ambas as obras. Segundo Silva (2022, p. 79):

Quando a fala da criança está presente (narrando ou como discurso direto), quem lê se aproxima mais do universo infantil (mesmo que o livro seja escrito por pessoas adultas); por outro lado, quando a fala infantil está ausente, há um afastamento entre a pessoa que lê e a experiência infantil descrita, por isso, frequentemente tende a predominar uma visão adulta da experiência da criança. Isso diminui as possibilidades da escrita traduzir as experiências infantis.

Em “*Black power de Akin*”, há muitos trechos com discurso direto, em que a fala das crianças aparece. Como, por exemplo, essas falas de Akin: “Vovô, os meninos tiraram à força o boné da minha cabeça e começaram a rir do meu cabelo. Eles disseram que meu cabelo é duro e torcido e não devolveram meu boné” (OLIVEIRA, 2020, p. 23) e “Parem com isso. O que estão fazendo não é certo. Vocês sabem meu nome!” (OLIVEIRA, 2020, p. 15). Também tem a fala dos colegas Paulo e Marcos: “- Desculpa, Akin, por tudo o que fizemos de ruim com você. É que nós não sabíamos da força e da grandeza dos africanos e afrodescendentes”. (OLIVEIRA, 2020, p. 32)

Por outro lado, em “*Sona Contos Africanos desenhados na areia*”, há somente um trecho em que aparece a fala do narrador em discurso direto: “- Tadinho do filhote do *kasowe* – disse, inconsolável, pra minha mãe” (BARBOSA, 2020, p. 28).

Nesse sentido, poderia afirmar que *Black power de Akin* tem a fala da criança mais presente e, com isso, possibilitaria causar um efeito de aproximação com crianças leitoras. E “*Sona Contos Africanos desenhados na areia*”, assim, poderia se distanciar desse público, pois parece haver um maior predomínio da visão adulta da experiência infantil.

Esta questão do discurso direto de personagens crianças, no entanto, não garante que haja uma aproximação ao universo infantil, pois há trechos em “*Black power de Akin*” onde as falas do personagem de Akin e de seus colegas Paulo e Marcos parecem não pertencer a crianças, como por exemplo, neste fragmento: “Akin, nós estamos curiosos para saber por que você vem todos os dias de boné para a escola. Tanto que nós nem sabemos como é o seu cabelo” (OLIVEIRA, 2020,

p. 20). Quando lemos essa passagem, nos questionamos se uma criança realmente construiria sentenças desta maneira, falando tão perfeitamente de acordo com a norma.

Acredito que a problemática da fala infantil nos livros de literatura infantil e juvenil é algo que prevalece na maioria das obras, uma vez que, se pararmos para refletir, essa literatura é como Silva (2022) salientou uma visão adulta sobre a experiência infantil. Porque sempre será um/a adulto/a escrevendo, portanto, é difícil o/a autor/a ter essa perspectiva de criança e conseguir colocá-la na escrita. Mas, essa fala infantil ausente não interfere no nosso entendimento e nem na mensagem que o livro quer nos passar.

Ainda sobre a escrita para crianças, Araujo e Oliveira (2021, p. 83) salientam:

O registro de temas sensíveis e complexos (como o racismo, ou, em contexto brasileiro, de temas tabus como as mitologias africanas) em textos literários nem sempre é fácil e requer da autora ou autor um cuidado para não desvirtuar o sentido artístico de um enredo para uma escrita utilitária. Esse risco é muito maior na escrita para crianças, pois, munida de um sentimento adultocêntrico, a pessoa adulta tende a “ensinar” ou “transmitir” valores morais acima de qualquer projeto literário (artístico).

Ou seja, para além da organização da voz das personagens e de quem narra, o autor/a deve ter o cuidado de, quando tratar de temas complexos, como o racismo, não focar em valores morais. Kiusam teve esse cuidado no livro, um dos conflitos principais é o racismo que Akin sofre, mas tem outras questões que permeiam a obra, como a presença do avô e como ele ajuda o neto a superar a baixa autoestima, através de histórias de seus antepassados e com o auxílio de objetos ancestrais, como o garfo de marfim e o creme à base de ervas. Entendo que a autora não deixa o livro cair num recurso moralizante e didatizador.

2.6 ESPAÇO

Silva (2022, p. 80) delimita aquilo que considera como o espaço: “O espaço é um elemento importante, pois nele acontecem as experiências das personagens. Nem sempre o texto verbal situa esse espaço, cabendo às ilustrações apresentá-lo ou não”.

O espaço em que se passa a obra “*Sona* contos africanos desenhados na areia” é a comunidade chamada Tshokwe, na língua portuguesa chamada de quioco. O povo quioco tem como tradição a arte de desenhar na areia, intitulada *sona*, onde são os mais velhos que passam essa arte: “Nós, o povo quioco, temos um grande respeito pelas tradições repassadas por nossos ancestrais. A arte de desenhar na areia e as pinturas nas paredes das casas são nossas maiores riquezas” (BARBOSA, 2020, p. 1).

E a comunidade Tshokwe (quioco): “Habita predominantemente o nordeste de Angola, a região de Lunda” (GERDES, 1989, p. 2). Desde meados do século XVII, eles têm-se dedicado à agricultura. E o povo Tchokwe é conhecido pela beleza de sua arte, dentre elas, trabalhos em cerâmica, em ferro, cestas entrançadas, ornamentação de esteiras e *sona*, os desenhos na areia.

Quando os Tchokwe se reúnem no terreiro das suas aldeias ou nos acampamentos de caça, costumam, sentados à volta de uma fogueira ou na sombra de árvores frondosas, passar o seu tempo em conversações, que são ilustradas por desenhos no chão. A maior parte destes desenhos pertencem a uma longa tradição. (GERDER, 1989, p. 2)

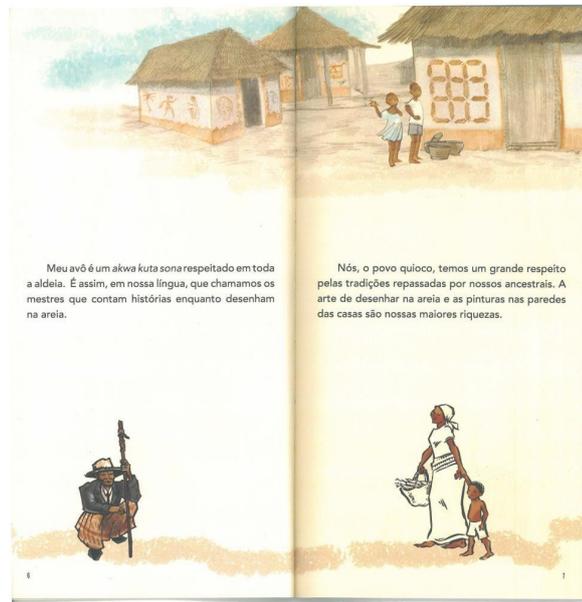
Esses desenhos exercem um papel importante na propagação de sabedoria e conhecimento, e ainda diz respeito a animais, jogos, fábulas, entre outros. E a descrição que o autor Rogério Andrade Barbosa faz da tradição *sona* do povo Tshokwe, é igual a realidade deles, como Gerdes (1989, p. 2 e 3) exemplifica:

Os desenhos devem ser feitos lisa e continuamente porque qualquer hesitação ou interrupção por parte do desenhador é interpretada pelo público como imperfeição ou falta de conhecimento e é acolhida com um riso irônico. Para facilitar a memorização dos seus pictogramas ou ideogramas padronizados, os “akwa kuta sona” – especialistas em desenho – inventaram um recurso mnemônico interessante. Após limpar e alisar o chão, começam por marcar com as pontas dos dedos uma rede ortogonal de pontos eqüidistantes. O número de linhas e colunas depende do motivo a ser representado. [...] os “akwa kuta sona” geralmente reduzem a memorização de todo um desenho àquela de, na maioria das vezes, dois números e um algoritmo geométrico.

Percebo que eles moram nesta comunidade e que o menino se sente acolhido por todos. A criança recebe afeto, carinho e atenção de seu avô, e de sua mãe. Estando o avô presente o tempo todo, ensinando-o a arte *sona* e ouvindo o neto a narrar suas histórias enquanto desenha na areia. O espaço em que se passa a história não é descrito pelo autor, mas percebemos como é a comunidade através

das ilustrações, com casas aparentemente feitas de madeira, com desenhos na parede e o chão aparentemente é areia.

Figura 1 – Trecho de livro “Sona contos africanos desenhados na areia”



Fonte: Barbosa (2020)

Observando a imagem, entendemos que não se trata de um território brasileiro, a paisagem é muito diferente da que temos em nossa geografia, isso fica muito evidente nas ilustrações, mas não é explicitado na escrita. No texto escrito, a única menção a algum espaço/lugar ocorre no título da obra.

No livro “*Black power* de Akin”, primeiramente é descrito que eles moram na cidade chamada Noar, como neste trecho: “A lua alta no céu estrelado é coisa linda de se ver na cidadezinha de Noar. A noite de Noar tem cheiro de pão quente, café fresco e bolo de fubá preparados no fim da tarde para a manhã seguinte.” (OLIVEIRA, 2020, p. 8). Percebo, através dessa descrição, que Akin estima muito a cidade, gosta de morar ali, o cheiro que ele descreve traz uma sensação de paz, aconchego e amor.

Se o espaço da cidade é positivo para Akin, o mesmo não ocorre com o espaço da escola que, de início, causa-lhe sofrimento, pois é nesse lugar que ele sofre racismo. Observo que o menino não se sente acolhido neste ambiente, sente-se sozinho:

Chateado, Akin se afasta dos dois e vai para o outro lado do pátio. Ele não entende como seus colegas eram capazes de tratá-lo daquela forma, usando apelidos que reforçam a cor da pele. Aqueles xingamentos estavam doendo demais, e a vontade que sentia era de desaparecer. Aquela manhã estava bem difícil para Akin. (OLIVEIRA, 2020, p. 15)

Depois de sofrer discriminação racial por parte de seus colegas, o menino não sente mais vontade de ficar na escola, aquele ambiente não está fazendo bem para seu emocional, pois começou a ficar deprimido e triste. Logo após esse episódio, a criança fica muito deprimida e foge da escola: “Aquilo foi demais para Akin, que saiu correndo, fugindo da escola. Correu, correu muito até chegar à sua casa”. (OLIVEIRA, 2020, p. 21)

Noto que o lugar onde ele se sentia acolhido era em casa, uma vez que foge da escola para buscar amparo de sua família. O lar é o porto seguro de Akin, onde está o avô e os seus irmãos, é nesse lugar que se sente amado, protegido, respeitado e feliz, como expressa este fragmento: “Assim, desse jeitinho, a noite caiu e a harmonia se fez presente naquele lar”. (OLIVEIRA, 2020, p. 29)

A escola também deve atuar para prevenir atos de racismo, como no livro, quando Seu Dito Pereira vai até a escola para contar a história de sua família, apresentando o álbum que tinha mostrado ao neto e procede a todos os alunos da classe: “Então, isso foi o que vim contar para vocês: a riqueza da história do meu povo negro e africano e o orgulho que temos dos nossos fios crespos” (OLIVEIRA, 2020, p. 30). Nesta perspectiva do trabalho com as questões culturais e étnico-raciais, Souza, Lopes e Santos (2007, p. 6) declaram que:

A escola apresenta um importante papel frente à diversidade cultural e étnica. Ela deve ser um instrumento eficaz para prevenir e diminuir o preconceito, mostrando atitudes de aceitação da criança negra, através do comportamento de toda comunidade educativa, da seleção dos livros didáticos e dos instrumentos pedagógicos.

Seu Dito Pereira resolveu visitar a escola e levar um pouco da história da família aos alunos, colegas de Akin. Toda a classe se sentou aos pés de uma mangueira frondosa, todos os alunos o observavam atentamente. O avô começa a mostrar seu álbum, no final tinha uma foto dele com o cabelo *black power*. “Então, isso foi o que vim contar para você: a riqueza da história do meu povo negro e africano e o orgulho que temos dos nossos fios crespos. Mostra para eles Femi” (OLIVEIRA, 2020, p. 30).

O caçula chacoalhou os cabelos crespos e “saíram computador, flor, carrinho, quebra-cabeça etc.” (OLIVEIRA, 2020, p.31). Seu neto do meio Kayin também chacoalhou o cabelo e: “[...] De seus cabelos crespos saíram passarinho, boneco, *awalé* etc” (OLIVEIRA, 2020, p. 31). Por último, Seu Dito pediu para Akin chacoalhar a cabeça: “[...] E dos seus cabelos crespos saíram rostos conhecidos de escritores, cantores, intelectuais e ativistas negros, como Tia Ciata, Emicida, Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Inaldete Pinheiro de Andrade, Abdias Nascimento...” (OLIVEIRA, 2020, p. 32).

A professora ficou encantada e profere: “Que lição! A história do povo carrega a nobreza de sua ancestralidade. Negras e Negros merecem todo o nosso respeito” (OLIVEIRA, 2020, p. 33). Ela reconhece a importância de tudo o que Seu Dito falou. E a atitude do avô de ir até o ambiente escolar, de fazer uma apresentação sobre a história da família, dos povos ancestrais, com uma fala que enobrece a negritude, colaborou com a educação antirracista.

A partir da fala e da professora seus colegas Paulo e Marcos pedem desculpas a Akin por tudo que fizeram. O menino começa a se sentir confortável na escola, uma vez que repete a mesma frase do início do livro: “Gente, gente! Vocês estão sentindo o cheiro de pão quente, café fresco e bolo de fubá? – gritou Akin.” (OLIVEIRA, 2020, p.33). Percebo que esse cheiro que é descrito como se a criança estivesse em paz novamente, sentindo acolhimento, calma, alegria no ambiente escolar.

Os espaços descritos acima, como a cidade, casa e escola, não são descritos em detalhes ao longo da história e também há poucas ilustrações. O que conseguimos saber, através da narrativa, é que a casa que moravam tinha quintal com flores, plantas, árvores, canteiros de ervas e, através de uma ilustração, podemos ver que também tinha um fogão à lenha. Já a escola tinha um pátio em que brincavam e uma mangueira frondosa, como está na escrita do livro.

2.7 INTERAÇÕES: A RELAÇÃO ENTRE AVÔS E NETOS

Silva (2022, p. 80) salienta o que considera interação: “Entendo aqui por interações toda relação que se estabelece entre os personagens de uma narrativa e que é fundamental para a elaboração da experiência da personagem central”. Nesse aspecto, nosso foco principal é a relação que se dá entre avô e neto.

No livro “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, percebo a forte conexão de amizade e cumplicidade entre avô e neto. Uma vez que o avô está presente em todos os momentos e é ele quem ensina ao menino a arte *sona*. Como o narrador descreve:

Para realizar os *sona*, nome que damos aos desenhos, o contador precisa ter muita habilidade e saber de cor um monte de histórias. Primeiro, alisa-se a areia. Depois, com a ponta do dedo, marca-se uma série de pontos que assinalam os lugares e personagens que irão fazer parte da história. Em seguida, ao mesmo tempo que a história é contada, é preciso traçar uma linha contínua em torno dos pontos, contornando-os, sem parar um instante sequer. Ah, nessa etapa, o desenhista não pode tirar o dedo do chão. Essa, para mim, é a parte mais difícil para fazer os *sona* com perfeição. Dependendo da história e do número de personagens, podem ser feitos vários desenhos. (BARBOSA, 2020, p. 11-15)

Observa-se que, para fazer os desenhos, é necessário ter técnica, precisão, habilidade, características que o avô estava ensinando ao neto. Esses desenhos exercem um papel importante na propagação de sabedoria e conhecimento e ainda no que se diz respeito aos animais, jogos, fábulas, entre outros.

O avô, um dos personagens principais, é considerado um mestre pela comunidade, ele ocupa um papel primordial dentro daquele povo, sendo o portador do conhecimento, sua missão é transmitir às novas gerações a tradição *sona*, fazer desenhos na areia enquanto conta uma história. Como neste fragmento: “Meu avô é um *akwa kuta sona* respeitado em toda a aldeia. É assim, em nossa língua, que chamamos os mestres que contam histórias enquanto desenhavam na areia” (BARBOSA, 2020, p. 8). Além de ensinar a arte *sona*, também transmite histórias orais da comunidade ou que lhe foram contadas quando ainda era um aprendiz. Logo, ele apresenta uma memória coletiva, de narrativas do seu povo.

A tradição perpassa pelo avô, que também aprendeu com seus antepassados e agora está passando sua sabedoria, seu conhecimento, a arte para o neto, como neste trecho: “E foi o vô quem me ensinou a fazer os primeiros rabiscos. Eu passava horas ao seu lado, ouvindo-o contar histórias, enquanto ia marcando e riscando o chão”. (BARBOSA, 2020, p. 9). E pelo menino estar sempre receptivo, o avô não espera que ele cresça para ensinar a tradição *sona*, esse ritual de passagem da cultura se inicia na infância, já que o neto sempre está muito entusiasmado para ouvir o que o avô tem a ensinar.

O olhar da criança para tudo o que está aprendendo é de encantamento, admiração, o menino se revela curioso, maravilhado com os ensinamentos do avô. Como Oliveira (2021, p. 239) salienta: “O olhar encantado re-cria o mundo, porque vê o mundo com olhos de encanto. É uma matiz de diversidade dos mundos. Ele não imagina; ele constrói mundos! É que cada olhar constrói seu mundo”. O avô produz esse olhar de encantamento, de maravilhar-se com o novo, além de ser muito sensível nos ensinamentos para com o neto.

Oliveira (2021, p. 239) reflete: “É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá do nada. Dá-se no interior da forma cultural. A forma cultural africana é o encantamento”. Logo, poderíamos dizer que o olhar de encantamento do avô não surgiu do nada, um dia ele já foi aprendiz; a pessoa, o mestre que também o ensinou, deve ter tido esse mesmo olhar, para fazê-lo maravilhar-se com o novo.

“O encantamento é uma atitude. É da ordem do acontecimento. Por isso a filosofia do acontecimento pode entender o encantamento. Como atitude o encantamento está na ordem da escolha” (OLIVEIRA, 2021, p. 239). Se o encantamento é uma atitude, uma escolha e um acontecimento, ponderamos que o avô teve essa atitude de escolher como ensinaria os primeiros rabiscos, os primeiros desenhos e as primeiras histórias, acolheu, teve paciência e sensibilidade com o neto. Por conseguinte, conseguiu, a partir de suas palavras e ensinamentos, fez com que o menino se sentisse encantado pelo que estava aprendendo.

Sendo assim, observo um perfeito equilíbrio entre o velho e o novo, uma vez que se a criança não estivesse disposta, receptiva, a esse conhecimento, a essa sabedoria, a relação não se equilibraria. Como o menino sempre se mostrou receptivo, o ciclo fecha. E o avô sempre esteve muito atento ao seu neto, observando seu primeiro desenho na areia e a primeira narrativa: “O primeiro desenho que fiz sob o olhar atento do vô foi para explicar a razão de o galo cantar para o Sol.” (BARBOSA, 2020, p. 17).

Não tem nenhuma parte explícita na história que descreve a relação de avô e neto, mas a partir das questões discutidas acima, podemos afirmar que a relação era de carinho, amor, acolhimento e reciprocidade. O avô estava sempre atento ao que o neto tinha a dizer, aos seus desenhos na areia e a suas narrativas. Além de que toda a comunidade vivia em harmonia.

No livro *“Black power de Akin”*, o avô, seu Dito Pereira tem uma relação amorosa, harmoniosa com os netos Akin, Femi e Kayin. O neto mais velho, Akin, tem muita admiração pelo avô: “Akin continua a olhar com admiração para o avô. O encantamento no olhar revela todo o seu amor” (OLIVEIRA, 2020, p. 11). Eduardo Oliveira (2021, p. 261) explica que o: “Encantamento tem a ver com olhar. Olhar encantado constrói um mundo encantado”. E é esse olhar que o neto tinha para com seu avô, encantado, admirado com tudo o que ele fazia: “Sentado no chão, admirando o avô, está Akin, o neto mais velho, que pensa saber tocar berimbau como seu Dito” (OLIVEIRA, 2020, p. 11).

E todo esse apreço pelo avô e a estreita relação que eles apresentam, faz com que Akin se sinta triste por mentir para Seu Dito: “Sem jeito, lembra que mentiu para seu avô, que tanto ama” (OLIVEIRA, 2020, p. 14). Akin tem uma infância, de certo modo, normal, convive com a família, brinca, frequenta a escola, convive com outras crianças. Souza, Lopes e Santos (2007, p. 3) afirmam que:

Quando a criança negra é inserida em outro grupo que se diferencia da família, ela se depara com a diversidade social. O ingresso na instituição de educação infantil alarga o seu universo social, possibilitando a convivência com crianças e adultos de culturas diferentes. Ao entrar em contato com outras crianças, a criança negra perceberá traços particulares de cada uma e o modo como estes traços são recebidos pelo professor.

E foi isso que ocorreu com Akin, aos 12 anos, foi nessa etapa da sua infância que sofreu racismo na escola, por parte de dois colegas, quando estavam no intervalo brincando de pega-pega, usaram apelidos e xingamentos que reforçavam a cor da pele, como nesses trechos: “Peguei! Peguei o Pelé” (OLIVEIRA, 2020, p. 14); “Achei! Achei o “Buiú!”” (OLIVEIRA, 2020, p. 15). E, em outro momento, convidaram Akin para brincar novamente e, mais uma vez, praticaram racismo. As crianças queriam brincar de polícia e ladrão de galinha, o menino queria ser polícia, mas um de seus colegas declarou: “Polícia? Onde já se viu alguém de sua cor brincar de ser polícia? Não! Nós vamos ser a polícia e você será o ladrão, que vai roubar as galinhas do Seu Dito Pereira. Os amigos gargalharam de se jogar no chão” (OLIVEIRA, 2020, p. 16).

Em outra ocasião, também na hora do intervalo, Paulo e Marcos queriam saber por que ele iria todos os dias para a escola de boné, mas estavam sendo sarcásticos, então, resolvem brincar de pega-pega. Um dos meninos arranca seu

boné e os dos colegas proferem: “O cabelo do Akin é duro e torcido, duro e torcido...” (OLIVEIRA, 2020, p. 20). Souza, Lopes e Santos (2007, p. 3) salientam que:

No cotidiano escolar, a criança constrói seu auto-conceito a partir da maneira como é vista pelo seu professor, seus colegas e demais funcionários da instituição. A maneira como cada criança se vê, depende também, do modo como é interpretada pelos outros que convivem com ela. Os julgamentos e comparações têm um grande impacto no início da construção de sua identidade.

Todas essas situações de racismo prejudicaram Akin, deixando-o triste, como na primeira situação de preconceito que sofreu: “Aqueles xingamentos estavam doendo demais, e a vontade que sentia era de desaparecer”. Ele não compreendia o porquê dos seus colegas o tratarem daquela forma. Na segunda vez, Akin sofreu, compreendeu o que eles estavam praticando racismo: “Foi o mar que se viu nos olhos de Akin. O mar. Seu corpinho franzino se imobilizou e o ar parou. Ele descobriu todo o preconceito que expressavam os seus colegas de classe” (OLIVEIRA, 2020, p. 16). Na terceira vez que sofreu racismo, sua autoestima estava extremamente baixa, fugiu da escola e correu para a casa. E chegou ao extremo quando olhou no espelho e se imaginou branco:

Subiu no banquinho e se olhou no espelho, que refletiu uma imagem: era ele, mas branco, cabelo liso, com topete e olhos azuis. Ele se assustou, piscou os olhos e chacoalhou a cabeça. Abriu as pálpebras novamente e continuou a se enxergar branco. Sorriu. (OLIVEIRA, 2020, p. 21)

Em outro momento, a criança fecha os olhos novamente: “Abriu e fechou os olhos pela terceira vez e se viu como realmente é: um menino negro. E se entristeceu” (OLIVEIRA, 2020, p. 21). A partir disso, observo o quanto o racismo afetou a vida de Akin, deixando-o deprimido; quando se imaginou branco sorriu, ficou feliz, quando se viu no espelho como realmente era, ficou triste. O preconceito afetou seu emocional, visto que ele cogitou cortar seu cabelo: “Seu olhar, que estava tristonho, se transforma em raivoso, frio e decidido: vai cortar seus cabelos. Com a tesoura na mão, ergue o braço direito num movimento brusco, e decidido, levando-a até sua cabeça” (OLIVEIRA, 2020, p. 21). Para Souza, Lopes e Santos (2007, p.5):

A forma como a criança negra é tratada, as atribuições negativas que geralmente são impostas em sua mente, fazem com que a criança crie uma

imagem depreciativa de si, contribuindo para uma auto-exclusão e uma baixa auto-estima. Comprometendo desta forma, o processo de construção de sua identidade, com ideias que desvalorizam suas características étnicas.

As situações de racismo sofridas por Akin poderiam sim comprometer o processo de construção da identidade de criança, entretanto a presença do avô em sua vida fez toda a diferença para que o menino não entrasse em um processo depreciativo. Seu Dito Pereira não o deixou cortar o cabelo, dando um abraço para acalmá-lo. Akin disse ao avô que queria ser branco: “Ô, meu avô... eu só queria ser diferente do que sou: queria ser branco! Eu olho a televisão, olho as revistas e não vejo ninguém parecido com a gente, vó, com nossa cor, com o nosso cabelo. Ninguém me acha bonito” (OLIVEIRA, 2020, p. 22). Observo, o quanto estava com a autoestima baixa, e seu Dito Pereira profere: “Chega de bestagem, menino! Você precisa dar um jeito nisso e parar de se sentir menos que os outros. Deve se aceitar do jeito que é e se achar muito formoso” (OLIVEIRA, 2020, p. 22).

E o avô incentivou o menino a se achar belo, do jeito que é, mostrou fotos e desenhos de seus ancestrais negros, contou que herdaram os cabelos crespos dos antepassados, de reis e rainhas, africanos e africanas. E partiu de um creme à base de ervas, e com o uso do dente de marfim, realçou a beleza do cabelo de Akin: “O avô não poupou os fios nem tampouco o garfo: armou o mais que pôde os cabelos do neto. Seu Dito Pereira fez o maior *black power* do mundo!” (OLIVEIRA, 2020, p. 27). E quando Akin se olhou no espelho se sentiu um príncipe africano, como neste trecho:

Ele piscou os olhos chacoalhando a cabeça e, ao abri-los novamente, se viu um príncipe rodeado por crianças na volta de uma das muitas caçadas vividas e com o nobre marfim nas mãos. Piscou de novo, chacoalhou a cabeça e, ao abrir os olhos, se viu como ele próprio: um belo menino negro, com um penteado símbolo de glória e poder. Encantado com a visão, sorri. (OLIVEIRA, 2020, p. 29).

O avô teve um papel primordial para Akin recuperar sua autoestima, ele estava se sentindo lindo. “Isso ilustra que, a criança se constitui como sujeito pelo olhar do outro, é a qualidade desse olhar que contribui para o grau de sua auto-estima e auto-aceitação, trazendo consequências para a formação de sua identidade” (SOUZA; LOPES; SANTOS, 2007, p. 5). Quando Akin se viu pelo olhar do avô, percebeu que era belo do jeito que era. Foi através do avô que o neto

recuperou sua autoestima, e a partir das questões descritas, percebo que a relação que Dito Pereira e Akin construíram juntos era de amor, acolhimento, carinho, amparo.

Percebo que o menino teve interações na escola, com seus colegas Paulo e Marcos, mas ambos praticaram atos de racismo e eles não conseguiram desenvolver uma relação harmoniosa no início. Porém, ao final da narrativa, quando eles entenderam que era errado o que estavam fazendo, principalmente com a intervenção do avô de Akin, Paulo e Marcos pediram desculpas e voltaram a ser amigos de Akin. A criança também tinha interação com seus irmãos, porém não é explícita e muito aprofundada no livro.

2.8 ANCESTRALIDADE

Os livros apresentam algumas passagens ou personagens que trazem a ancestralidade, iremos destacar algumas destas. Ressaltamos que, para facilitar a leitura, iremos usar o sobrenome “Oliveira” para designar Kiusam de Oliveira e optamos por usar o nome completo de Eduardo Oliveira, pois só trabalharemos com este autor nesse tópico. A dimensão da interação e da relação de afeto entre avô e neto nas duas obras permite o trabalho com essa dimensão da ancestralidade. A temática da ancestralidade foi o que direcionou nosso olhar até a seleção das duas obras para análise.

O personagem do avô é quem traz o legado dos antepassados para a comunidade, uma vez que: “A ancestralidade é uma categoria de relação – no que vale o princípio de coletividade – pois não há ancestralidade sem alteridade” (EDUARDO OLIVEIRA, 2021, p. 259). Ou seja, para ter ancestralidade, é preciso ter relação com o outro, entre as pessoas. No caso, a relação entre o avô, o neto e a comunidade.

O avô é considerado um mestre pela comunidade, tendo sabedoria a partir das tradições dos seus ancestrais. Eduardo Oliveira (2020, p. 27) afirma que: “[...] A sabedoria é uma produção ancestral: um conhecimento coletivo”. Logo, todos participam da ancestralidade, o avô, o neto e a comunidade, tanto com o corpo como com a mente. Machado (2014, p. 57) também reflete sobre o corpo:

O corpo traz inscrito em si a ancestralidade, o princípio fundador, raiz sentimental, que recria, atualizando-se na universalidade a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e nas tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, nas suas manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade e preservação, pela integração e sua cultura.

No livro “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, o avô é quem fortalece e preserva a cultura daquela comunidade, ensinando a arte *sona* tanto para o neto quanto aos mais jovens daquele povo. E essa tradição de desenhar na areia enquanto narra histórias faz parte do avô, todos esses elementos estão presentes na sua criação corpórea. Para Eduardo Oliveira (2021, p. 131): “A ancestralidade é um resgate do corpo não como volta ao passado, mas como atualização da tradição”. Por isso, a necessidade de passar esse conhecimento à nova geração, como é descrito no livro: “São os mais velhos que, durante incontáveis gerações, transmitem seus conhecimentos aos mais jovens para que esses saberes não se percam e nem caiam no esquecimento” (BARBOSA, 2020, p. 8).

E como o avô tem esse papel importante dentro da comunidade, de transmitir aos mais novos a arte *sona*, ele pode ser considerado como uma espécie de “xamã”, uma vez que é ele quem ensina ao neto a arte de desenhar na areia e contar histórias. Segundo Eduardo Oliveira (2021, p.140):

O corpo do africano e seus descendentes e o corpo dos descendentes indígenas e seus antepassados, com efeito, sofreram o efeito nefasto de uma cosmovisão que acabou por escravizar os corpos negros e a dizimar os indígenas. Utilizando-se do poder da palavra, verdadeira adaga a cortar cabeças e crenças alheias, os europeus fizeram prevalecer sobre as populações nativas da Abi-Ayala e sobre as populações cativas africanas um regime de signo que, valendo-se da violência das representações, violentou simbólica e fisicamente nossos antepassados. (EDUARDO OLIVEIRA, 2021, p. 140)

E o corpo do avô também é muito além da pele envelhecida, dos cabelos brancos e dos olhos que carregam muitas histórias, fazendo parte do mesmo toda a ancestralidade, experiência, tradição, sabedoria, memória. Todos esses aspectos formam a construção do corpo do avô, do que ele é. Esse corpo se constrói como signo de identificação da tradição africana, é um corpo que se engendra.

Também reflito sobre a criança que está se construindo corporalmente através de todas as experiências que tem. Conforme Eduardo Oliveira (2021, p. 143): “O corpo é um emblema daquilo que eu sou, e o que eu sou é um construto da

comunidade. Assim, os ritos de iniciação estarão sendo processados no corpo e nele ficarão as marcas que me integram numa nova dimensão social”. Tudo o que o menino tiver de aprendizado e experiência fará parte dessa construção e, a partir disso, começará a formar seu conhecimento acerca das situações. Esse conhecimento também será ancestral, pois, este passará a sabedoria adquirida durante a vida para as gerações posteriores da comunidade.

Por isso, a importância de ter a família presente na vida da criança, em que se desenvolve de maneira saudável, essa ligação é muito significativa para todos, pois: “A maneira pela qual os parceiros de uma relação interagem dá-se via ancestralidade. Nesse sentido, a ancestralidade é um território sobre o qual se dão trocas de experiências [...]” (EDUARDO OLIVEIRA, 2021, p. 259). Logo, tem-se uma troca do neto com o avô, porque este sempre está atento ao que a criança tem a dizer, principalmente quando está fazendo a arte *sona*.

Araújo (2017, p. 38) salienta sobre obras que apresentam um “resgate da herança e da ancestralidade africana” e destaca:

[...] São fortemente carregadas de histórias míticas sobre a criação do mundo, sobre a resolução de conflitos e sobre a capacidade de resistência de povos africanos, seja em contextos locais ou na diáspora africana. Envolvem personagens com atributos sobre-humanos, dotados de poderes mágicos ou de uma sabedoria ancestral; são também deusas e deuses que auxiliam seus descendentes na resolução de conflitos; são, sobretudo, histórias de reencontros entre três experiências: a vivência com o racismo, que marca tão fortemente as trajetórias de negras e negros no Brasil; a resistência, característica central da população negra na diáspora; e seus mitos fundantes, que na origem africana auxiliavam mulheres, homens, crianças, velhas e velhos a lidarem com seus conflitos e a solucionarem problemas. São histórias de reconciliação e de fortalecimento da história africana.

No livro “*Black power* de Akin”, observo que aspectos explorados nesse artigo estão presentes nos personagens da literatura infantil juvenil de temática da cultura africana e afro-brasileira: o avô (homem e velho), o espírito ancestral, e a criança negra. O avô apresenta uma energia da terra, que se movimenta de modo a enraizar seus netos nas tradições ancestrais, uma vez que tem experiência da vida, conhece a própria história, consegue traçar um destino e foca nas boas ações do presente.

Seu Dito Pereira conhece sua história, as histórias dos seus ancestrais. Verifico isso quando ele está preparando um creme que aprendeu com seus

antepassados: “Você vai saber o poder do tratamento natural à base de banha, ervas e sabedoria africana, que foi passado do tataravô e do bisavô para mim e que passei para seu pai” (OLIVEIRA, 2020, p. 26). Essa sabedoria é ancestral, visto que está passando pelas gerações da família.

Além disso, há: “A sabedoria expressa, também, pela escolha dos instrumentos, lugares e métodos pedagógicos” (EDUARDO OLIVEIRA, 2021, p. 276). Observo a escolha sábia do avô para seu neto, fazendo-o aceitar seu cabelo crespo, então ele faz um creme natural, que aprendeu com os ancestrais de sua família e também utiliza um garfo de marfim, onde: “O avô, bisavô, do trisavô, do tataravô do seu tataravô o encontrou e fez esse artefato com as próprias mãos.” (OLIVEIRA, 2020, p. 27), sendo outro objeto ancestral da família, uma vez que Dito Pereira conclui: “Esse garfo é o pente usado pela nobreza africana e está em nossa família há alguns séculos”. (OLIVEIRA, 2020, p. 27)

O avô também mostra uma pasta com fotos de ancestrais da família, como neste fragmento: “Filho, abra a pasta que lhe dei e olhe os desenhos e fotos que estão dentro dela. O primeiro desenho é de seu tataravô, o segundo é seu bisavô; na primeira foto, eu; e na segunda o seu pai” (OLIVEIRA, 2020, p. 24). Todos são antepassados de Akin, todos negros e com cabelos crespos: “Nosso cabelo é crespo, filho. Herdamos essa crespitude dos nossos antepassados, de rainhas e de reis, africanas e africanos” (OLIVEIRA, 2020, p. 25).

A palavra “herdar” é algo forte, nos remete aos ancestrais. Quando o avô trabalha a questão da herança, está proferindo acerca da herança negra, sendo algo positivo, porque advém de reis e rainhas. Com isso, traz o passado para a luz, sendo este positivado, por meio da imagem de reis e rainhas, africanos e africanas, e o que é mais valorizado neles é a questão negra.

Araújo (2019, p. 118 e 119) comenta os personagens que procuram por suas origens africanas para enfrentar as experiências de discriminação social:

A produção brasileira recorre à construção de personagens que procuram por suas origens africanas diante de um total ou parcial desconhecimento ou em decorrência de buscas por respostas sobre como enfrentar as experiências de discriminação racial. Mas, em ambas, o exercício de se vincular os entes espirituais –expressos como ancestrais –perpassa as experiências das personagens. É um exercício que leva, invariavelmente, à incessante busca por reconexão [...]

Em um dado momento do livro, quando estava vendo as fotos dos seus antepassados depois de sofrer racismo na escola, Akin se depara com o desenho de um caçador que apareceu em seu sonho e esse lhe disse:

Quem descende de reis e rainhas, como você, não pode admitir ser tratado de forma desrespeitosa sem se defender. Você precisa se orgulhar de suas heranças ancestrais, que traz como marcas em seu próprio corpo. Aprenda a se defender. (OLIVEIRA, 2020, p. 19)

Observo que não foi o personagem de Akin que foi atrás de suas origens africanas em busca de respostas, de por que estava sofrendo racismo e de como enfrentá-lo. Na realidade, é que como se o próprio espírito estivesse sentindo que a criança precisava de auxílio e veio encontrá-lo em sonho. Akin descreve o espírito:

Era alto e forte, um caçador. Em uma das mãos, arco e flecha; no ombro, carregava um coelho e um tatu mortos, enfiados em um pedaço de galho. Seus olhos avermelhados contrastavam com sua pele escura e brilhante. Ao mesmo tempo que sentia medo, Akin não conseguia esconder a admiração diante de uma figura tão bonita e que parecia com ele, com seu avô e seu pai. (OLIVEIRA, 2020, p. 18)

Talvez, posso dizer que Akin se encontrou ancestralmente com o espírito do caçador. Seu avô explica que: “Ele é um dos nossos parentes mais antigos. Descendemos de uma linhagem ancestral de caçadores. Ele mesmo me contou num sonho. E eu o desenhei.” (OLIVEIRA, 2020, p. 26).

Somé (2007, p. 28) comenta sobre os espíritos ancestrais:

Quando falamos sobre conexão com os espíritos de ancestrais, muitas pessoas entendem que nos referimos a nossos ancestrais diretos. Mas isso seria difícil. Frequentemente, nem conhecemos nossos avós. Existe um conjunto de ancestrais –não precisa ser uma pessoa ou espírito que conhecemos ou que imaginamos. Pode ser uma árvore lá fora. Pode ser uma vaca, nosso cão ou gato, em casa. O tataravô, que morreu há muitas gerações, pode ter se unido ao conjunto de espíritos, e o tataraneto nem consegue identificá-lo. É possível que seja o riacho correndo ao longe. Portanto, o que importa é compreender que qualquer pessoa que perdeu o corpo físico é um potencial ancestral. Você atrairá muitos espíritos se simplesmente expressar seu anseio pelo apoio dos ancestrais.

Reflito que esse espírito do caçador é da linhagem da família de Dito Pereira, mas pode ser de um parente bem distante, podendo ser um tataravô ou alguém que morreu há muitas gerações, pois ele só se recorda do espírito através dos sonhos. Araújo (2019, p. 121) explica que: “Ancestralidade não é reflexo

somente de origens hereditárias imediatas”; com isso, posso dizer que o espírito do caçador é de uma linhagem muito antiga da família. E esse espírito apareceu para Dito Pereira e também para Akin em um sonho, que recebeu uma mensagem: “Quem descende de reis e rainhas, como você, não pode admitir ser tratado de forma desrespeitosa sem se defender. Você precisa se orgulhar de suas heranças ancestrais, que traz como marcas em seu próprio corpo. Aprenda a se defender”. (OLIVEIRA, 2020, p. 19)

O momento em que Akin teve esse sonho foi quando sofreu racismo na escola, e estava com a autoestima baixa, triste, e o caçador pareceu proferindo essas palavras em sonho, para ajudar a criança que estava se sentindo perdida, por não saber como reagir, por estar se sentindo feio. O que o caçador lhe disse foi para que Akin soubesse que ele descende de rainhas e reis africanos e deveria se orgulhar de ser quem é.

Observo, na caracterização das personagens centrais, o livro “*Sona Contos Africanos desenhados na areia*” traz o avô e o neto como personagens centrais. E o que gera o conflito dramático é dos personagens principais é o avô que ensina a arte sona para o neto. Em “*Black power de Akin*”, os personagens principais são Akin e o avô Dito. Akin é um menino amoroso, que gosta da companhia dos irmãos, gosta de brincar e tem muita admiração pelos ensinamentos do avô. Seu Dito Pereira, já é um idoso, muito amoroso com os netos, sempre está tentando ajudar e tem muita sabedoria. O conflito principal se dá pelo racismo que Akin sofre na escola por parte de Paulo e Marcos.

O espaço em que se passa a obra “*Sona contos africanos desenhados na areia*” é a comunidade chamada Tshokwe, mas na língua portuguesa chamada de quioco, e tem como tradição a arte de desenhar na areia intitulada *sona*. No livro *Black power de Akin*, primeiramente é descrito que eles moram na cidade chamada Noar. Outros espaços nos quais ele vive é a escola e a casa.

Nas interações, o foco principal é a relação que se dá entre avô e neto. Na obra “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, percebemos a ligação forte de amizade e cumplicidade entre avô e neto. Uma vez que o avô está presente em todos os momentos e é ele quem ensina ao menino a arte *sona*. No livro *Black power de Akin*, o avô seu Dito Pereira tem uma relação amorosa, harmoniosa com os netos Akin, Femi e Kayin. O neto mais velho, Akin, tem muita admiração pelo avô. E foi Dito Pereira incentivou o menino a se achar belo, do jeito que é.

As obras ainda apresentam algumas passagens ou personagens que trazem a ancestralidade. No livro “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, o avô é quem fortalece e preserva a cultura daquela comunidade, de transmitir aos mais novos a arte *sona*, ele pode ser considerado como uma espécie de “xamã”, uma vez que é ele quem ensina ao neto a arte de desenhar na areia e contar histórias. Em “*Black power* de Akin”, o avô apresenta uma energia da terra, que se movimenta de modo a enraizar seus netos nas tradições ancestrais, uma vez que tem experiência da vida, conhece a própria história, consegue traçar um destino e foca nas boas ações do presente.

Esses foram alguns pontos principais de minha análise, selecionei esses temas, pois possibilitaram um aprofundamento da leitura, mas há muitos elementos que poderiam ser analisados nessas duas obras. No próximo capítulo, irei ampliar a leitura das obras, refletindo sobre as ilustrações, que são fundamentais na literatura infantil e juvenil.

3 UM OLHAR ÀS ILUSTRAÇÕES

As imagens têm ocupado cada vez mais espaço nos livros para as crianças, por isso a importância de apresentar imagens positivadas acerca dos personagens. Quando as crianças começam a enxergar a si mesmas e o mundo a sua volta e a interpretar o significado daquilo que leem e ouvem, com frequência mobilizam as representações positivas e negativas: mau, bom, bonito e feio, são noções muito utilizadas pelas crianças (SOUZA; ARAÚJO, 2020), daí a relevância de dar atenção às ilustrações positivadas.

Como Souza e Araújo (2020, p. 200-201) comentam:

Enfatizamos [...] a necessidade de uma reflexão sobre a importância do texto visual, entendendo-o como imprescindível à formação das crianças no contexto brasileiro: às crianças negras, ilustrações positivas (combinadas a um texto de qualidade literária) contribuem para o fortalecimento de suas identidades, pois poderão se reconhecer nas imagens; e às crianças brancas, tais ilustrações podem oferecer condições para a superação de um senso de suposta superioridade racial, ao se depararem com produções que não refletem apenas um espelho de si próprias.

Uma vez que o livro infantil pode estabelecer relações com a vida da criança: “A ilustração também pode (e deve) desenvolver esse papel, como elemento constituinte do discurso” (MASSONI, 2012, p. 124):

Deve-se destacar que as ilustrações nos livros infantis fazem parte do discurso apresentado, levando-se em conta que sua presença é uma característica de tal importância que às vezes a contribuição do ilustrador torna-se tão destacável quanto a do autor do livro. (MASSONI, 2012, p. 123).

As ilustrações fazem parte dos livros infantis, são uma construção conjunta entre autor e ilustrador, para que as imagens não se resumam a somente ornamentar o texto escrito. Como Camargo (2006, p. 25) salienta:

O leitor já deve ter percebido também que as ilustrações não explicam nem ornamentam o texto; as ilustrações também não traduzem o texto, não buscam equivalências entre o verbal e o visual. Mais do que coerência ou convergência de significados, parece que se trata da colaboração dos discursos verbal e visual, constituindo um discurso duplo, um diálogo. As características semióticas, semânticas, cognitivas, emocionais de cada linguagem e sua história criam necessariamente um discurso híbrido, em vários níveis

Com isso, irei refletir sobre algumas ilustrações das obras, percebendo como o/a ilustrador/a constrói os personagens e algumas cenas nos livros, a partir da colaboração dos discursos verbal e visual, constituindo um diálogo. O olhar para as imagens, por conta das limitações da pesquisa e da pesquisadora, não é para os aspectos artísticos ou técnicos de construção das ilustrações, mas principalmente para como elas podem ser percebidas como não estereotipadas. Antes de prosseguir, é importante retomar que temos entendido estereótipo como um “rótulo” um pré-conceito criados de maneira simplificada e generalizada pelo senso comum.

Para a análise das imagens, recorro às afirmações de Hall (2016, p.191), para quem a criação do estereótipo resume-se a poucas características: “Simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados [...] Então, o primeiro ponto é que a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”.

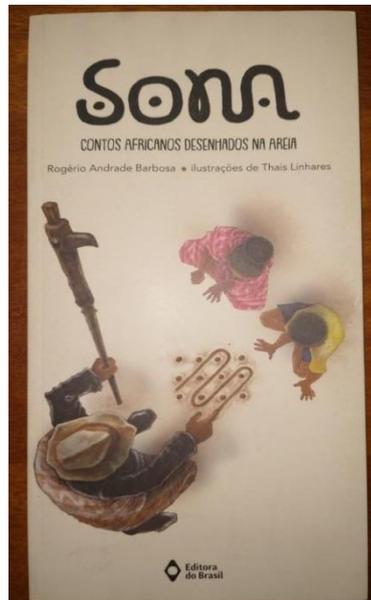
No livro “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, a ilustradora do livro é Thais Linhares⁹⁹. Os autores negros estão trabalhando, cada vez mais, em conjunto com ilustradores negros, trazendo as questões étnico-raciais para as composições das ilustrações. Neste caso em específico, o escritor se autodeclara pardo, como já foi dito anteriormente, e escolheu Thais, uma mulher branca para ilustrar a sua obra. Observo o trabalho cuidadoso e sensível que ela teve ao fazer os desenhos, tanto com as escolhas das cores, como com os traços, parecendo ser pintado a lápis.

A capa do livro tem um tamanho diferente e, ao longo das breves trinta e uma páginas, são apresentadas ilustrações que remetem aos conteúdos narrativos de cada página. O fundo do papel das páginas do livro apresenta uma cor areia. Na capa, ainda, há uma imagem vista de cima, de um senhor, o avô, ensinando a arte *sona* para duas crianças, uma menina e um menino, que estão

⁹⁹ Thais é uma mulher branca, nascida no Rio de Janeiro em 1970. É ilustradora, designer gráfica, autora de livros infanto-juvenis e roteirista de histórias em quadrinhos e de animação. Formada pela Escola Nacional de Belas Artes, da UFRJ, usa tanto as técnicas tradicionais de desenho e pintura como os recursos digitais em seu trabalho. Já recebeu o selo de Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) e foi indicada ao Prêmio Jabuti. (GLOBOLIVROS, 2013)

sentados prestando atenção. A ilustração é feita como se nós estivéssemos olhando de cima, tendo essa noção espacial de tudo o que está acontecendo, é como se avô também estivesse ensinando o leitor a desenhar na areia.

Figura 2 – Capa da obra “*Sona* contos africanos desenhados na areia”



Fonte: Barbosa (2020)

Massoni (2012) declara que, ao se admirar as ilustrações presentes em histórias infantis, deve-se também prestar atenção em algumas características das imagens, entre elas, a coloração. Se uma pessoa encontrar este livro em alguma livraria, somente ao ver a cor da capa, e tocar no título *sona* já vai saber que se trata de algo que remete à areia, tanto pela coloração, como pela textura diferente do título.

Quando passamos a mão no título, sentimos algo levemente áspero, que remete à areia; a ilustradora também coloca os pontos na palavra *SONA*, que nos lembra dos desenhos na areia. Percebo o trabalho de pesquisa que a ilustradora teve para fazer uma representação da arte *sona*. Na entrevista concedida à FLISS 2020¹⁰, ela relata que gosta do livro físico, porque ele vira em si um objeto de interação, o virar da página, o formato, o peso, a textura do papel, a forma de como as cores interagem com o olhar, se está lendo no escuro ou no claro, se resolveu virar a página e voltar.

Com isso, em conversa com Rogério, Thais resolveu fazer um livro vertical

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=uHEgv8suexc&list=LL&index=13&t=1s>

para o leitor poder ver de lado ou de cima, para ter uma noção espacial do que está sendo desenvolvido.

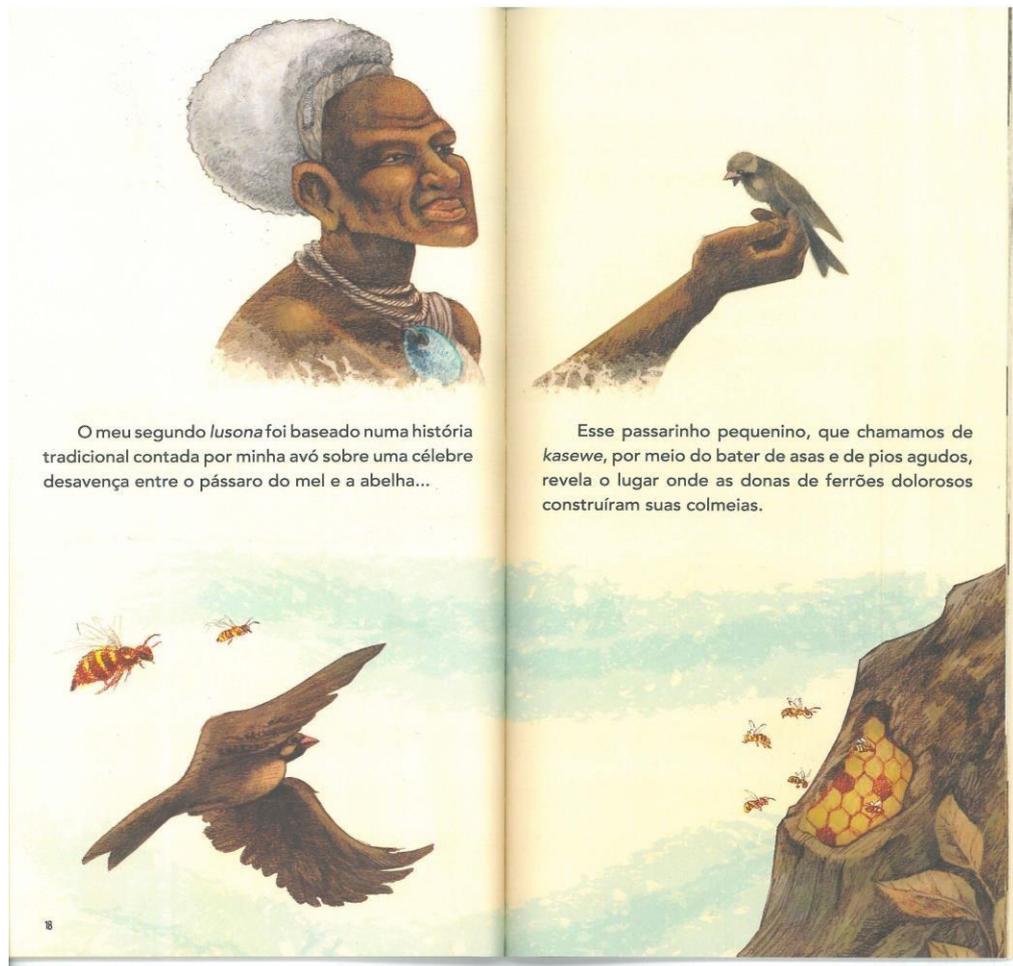
Figura 3 – Cena de noção espacial



Fonte: Barbosa (2020, p. 22 e 23)

Thais também relata que, quando o autor escrevia sobre algum tipo de abelha, de pássaro, na história, ela pesquisava de que tipo era. E, nesse processo, descobriu que havia homens que iriam com pássaro cassolo, para este apontar onde estava a colmeia. E comentou que faz parte da cultura deles fazer a caça à colmeia, usando o pássaro. Como nessa ilustração em que a idosa segura o pássaro na mão. Observo também o trabalho de pesquisa do autor, por trazer essa história que é real e faz parte do povo quioco.

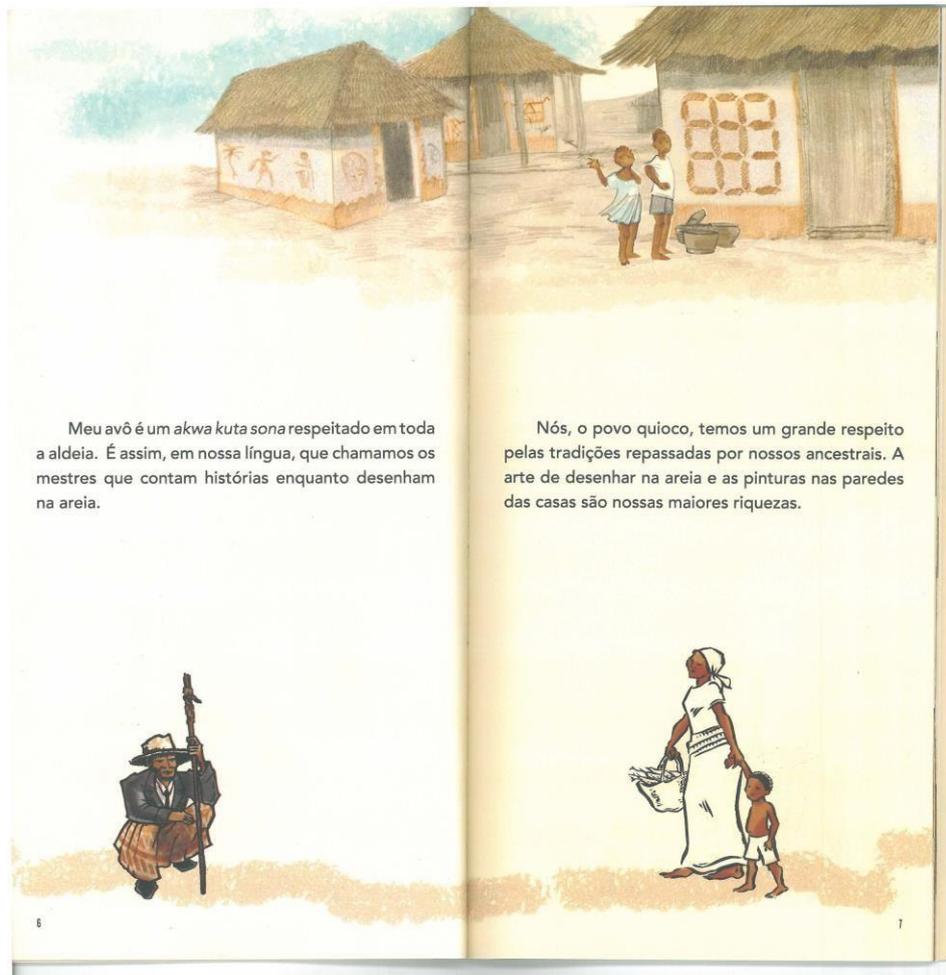
Figura 4 – Cena da idosa com um pássaro na mão



Fonte: Barbosa (2020, p. 18 e 19)

Nessa mesma entrevista, Rogério informa que o livro é todo em um tom areia, que mostra a pesquisa que a Thais fez. E ele também forneceu diversas fotografias, imagens do *sona*, do povo quioco, de como eram as casas, de como as pessoas se vestem, e a ilustradora teve todo o cuidado de considerar esses materiais em seu trabalho. Como observo nessa imagem, a ilustradora desenha as casas com teto de palha, portas de madeira e as paredes com desenhos. A cor que ela utiliza para os personagens é marrom escuro.

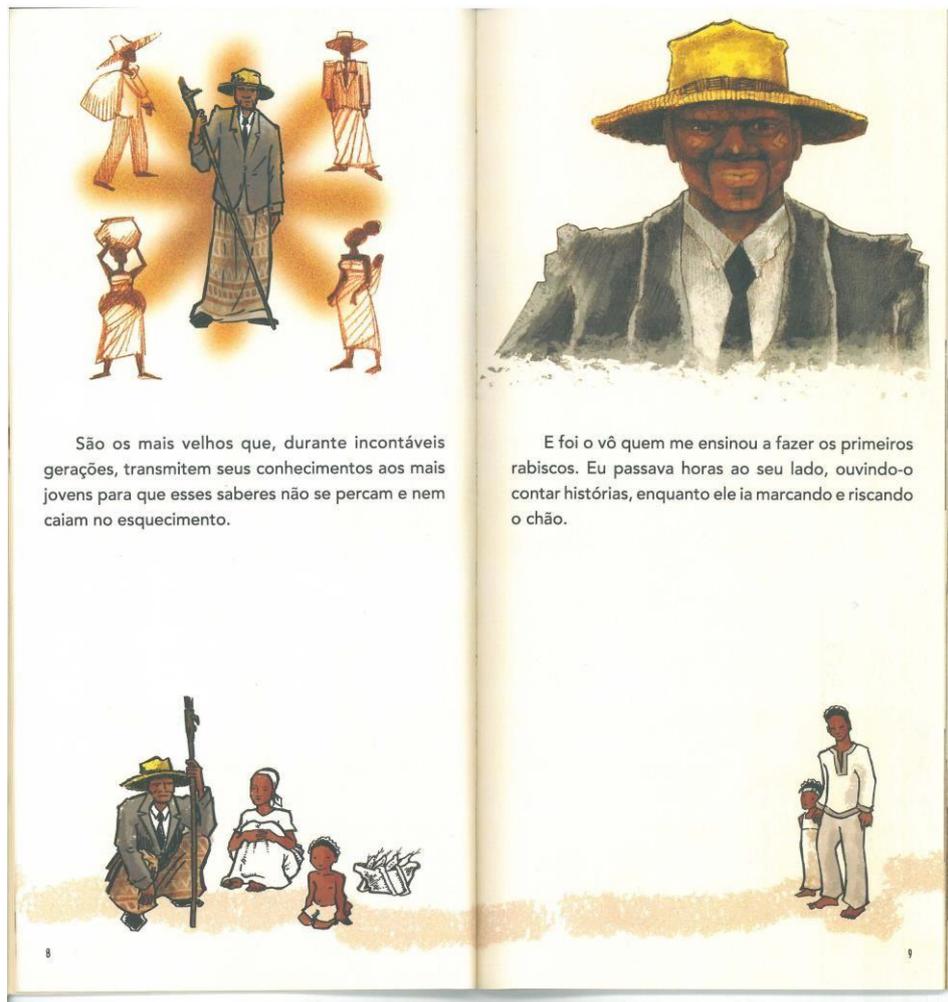
Figura 5 – Cena da comunidade



Fonte: Barbosa (2020, p. 6-7)

O personagem do avô tem um destaque no livro. Na figura 5, observo que tem uma imagem de seu rosto, destacando suas características, como: pele escura, olhos castanhos, nariz achatado e lábio grosso. O avô está usando um chapéu de palha, vestindo a parte de cima de um terno, com paletó cinza, camisa branca e gravata preta e usa uma saia com desenhos em laranja, sempre estando com um cajado. Também percebo os outros personagens nessa imagem, os quatro com roupas da cor branca, a mulher e a menina de vestido, o menino só de bermuda e o rapaz de túnica e calça, estando esses descalços. O avô está usando sapato, ao longo do livro somente ele usa, o que pode significar que, por ele ser considerado um mestre pela comunidade, ser mais velho e por ensinar aos mais jovens a arte

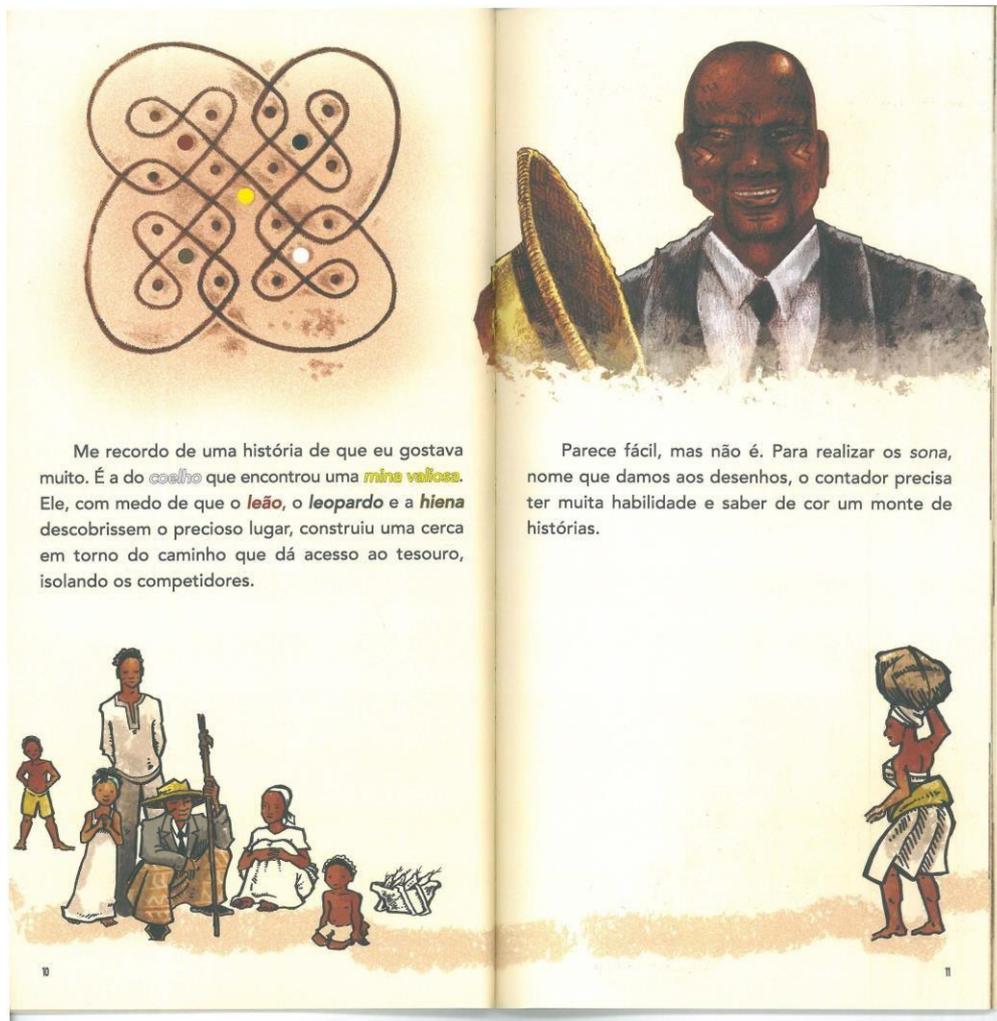
Figura 6 – Cena do avô



Fonte: Barbosa (2020, p. 8-9)

Na imagem abaixo, observa-se as palavras em destaque com cores diferentes: como coelho (branco), mina valiosa (amarelo), leão (vermelho), leopardo (preto) e hiena (marrom). Podemos refletir que a ilustradora faz um diálogo com o que está escrito, uma vez que as palavras em destaque têm as mesmas cores presentes em pontos no desenho na areia. Logo, sabemos que essa arte *sona* é sobre esses personagens. Esse modo de ressaltar as palavras realça desperta a atenção do leitor na construção dos sentidos da leitura da obra e também no aspecto visual.

Figura 7 - Cena das palavras com cores diferentes e o desenho *sona*



Fonte: Barbosa (2020, p.10)

Por esta razão, as ilustrações contribuem para o encantamento com a história. Massoni (2012, p. 127 e 128) afirma:

Ao analisar-se uma ilustração infantil, deve-se ter a preocupação de perceber todas as características [...], além de reparar no possível fortalecimento de estereótipos e preconceitos. Porém, não apenas esses critérios devem ser levados em consideração, pois a ilustração infantil também deve ser avaliada, bem como o livro infantil, pela sua estética e criatividade, pois [...], o livro não atinge impacto psicológico sobre o leitor se não desenvolver, antes disso, seu papel enquanto obra de arte, que propiciaprazer e divertimento.

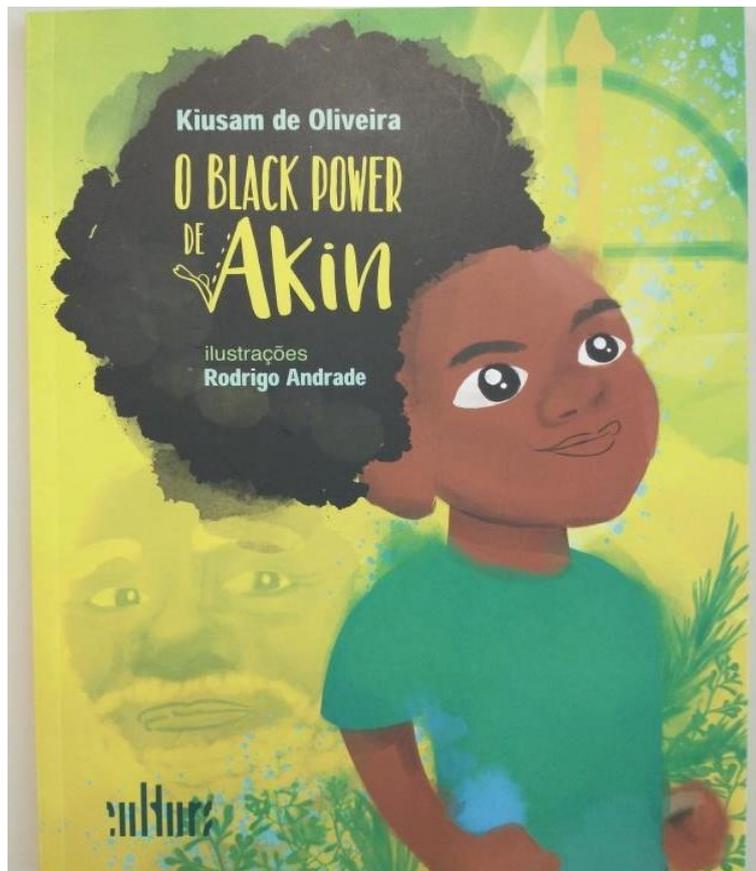
Quando digo que a ilustração traz encantamento para a história, é pelo fato de a ilustradora ter feito um excelente trabalho, realçando a beleza dos personagens

e principalmente a cultura, com traços delicados.

O leitor ao ler o livro e observar as imagens, poderá perceber todos os aspectos já citados, ainda conhecer a arte sona, 74 através da história e diversos exemplos de representações de desenhos na areia que estão presentes no verso, capa e contracapa.

No livro, *O Black power de Akin*, as ilustrações são feitas pelo ilustrador Rodrigo Andrade¹¹. A capa do livro tem como plano de fundo a cor verde e amarelo, com o rosto do avô no fundo e à frente está Akin, com um olhar determinado e autoconfiante, vestido com uma camiseta verde. Percebo também algumas flores ou ervas, podendo remeter ao creme à base de ervas que o avô faz.

Figura 8 – Capa do livro *Black power de Akin*

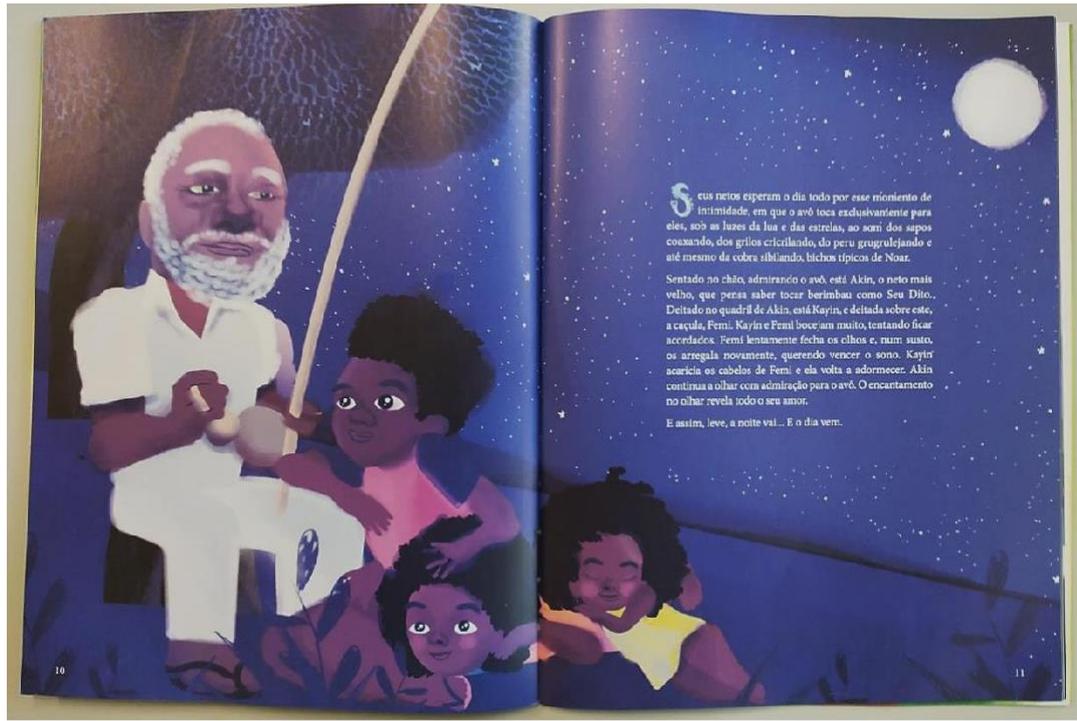


Fonte: Oliveira (2020)

¹¹ Quando pequeno, estudou Artes Gráficas, se especializou em desenvolvimento de conteúdo multimídia e animações. Busca formas criativas de abordar o lúdico e a diversidade, em todos os sentidos, é uma constante em seus desenhos. O espírito do menino negro das bibliotecas, cheio de imagens na cabeça, está sempre em tudo o que Rodrigo faz. (KIUSAM, 2020, p. 39).

Rodrigo Andrade realiza ilustrações que se assemelham com pintura e utiliza muitas cores, e em nenhum momento faz desenho estereotipado sobre personagens, mas sim realça a beleza, a partir dos textos escritos. As ilustrações em que Seu Dito Pereira está com seus netos, Femi, Kayin e Akin, nos passam uma sensação de paz, harmonia, um lar amoroso.

Figura 9 – Cena de Seu Dito Pereira com os netos



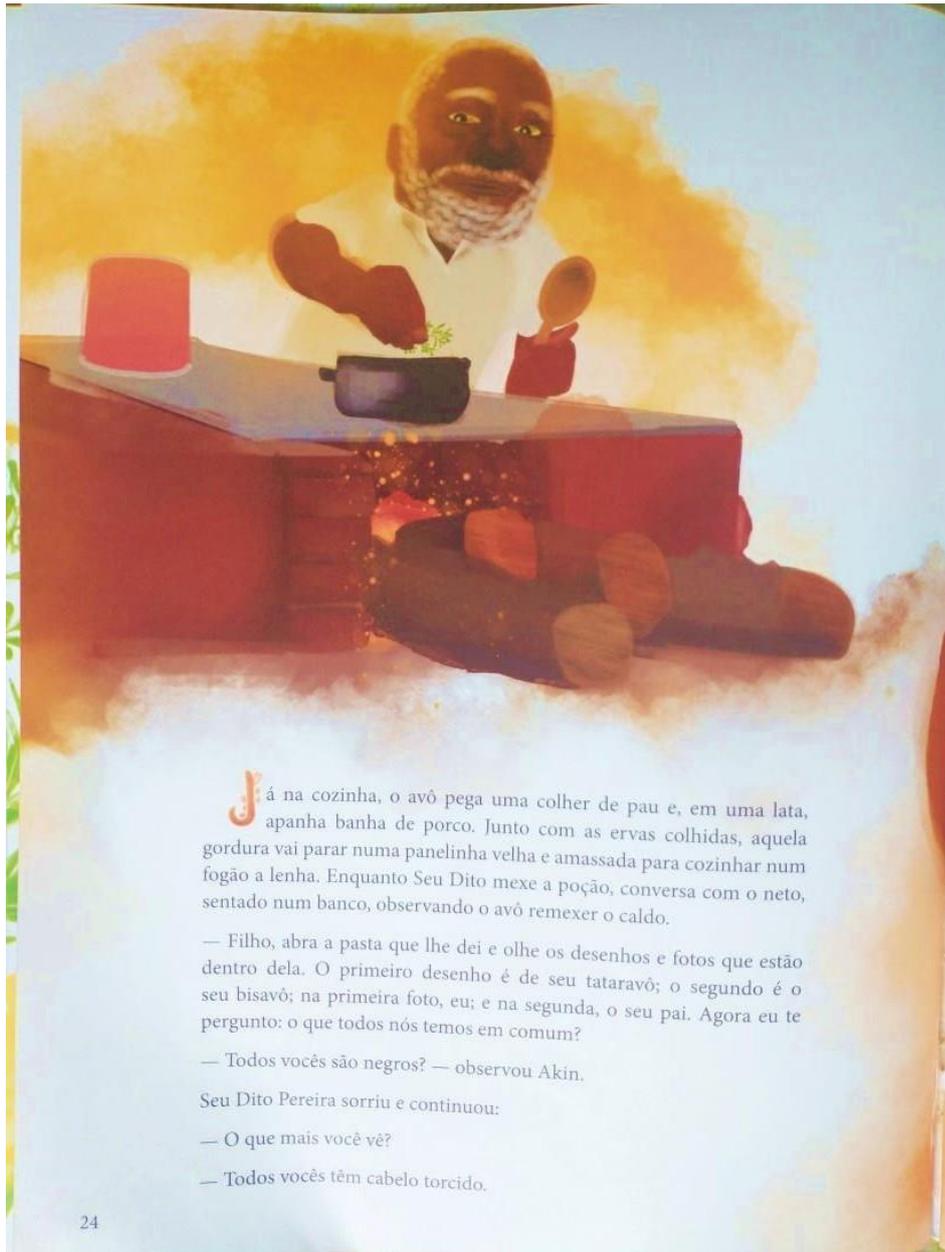
Fonte: Olivera (2020, p. 10)

Jardim (2000, p. 76) pondera que:

[...] As ilustrações têm servido de veículo para o reforço de estereótipos e preconceitos. Personagens más são invariavelmente feias, enquanto fadas, príncipes, princesas e heróis apresentam sempre um ótimo aspecto. A avóé geralmente representada por uma velhinha de cabelos brancos e coque, tricotando em uma cadeira de balanço, e o avô, por um velho gordo, de óculos na ponta do nariz, chinelos e com uma aparência bonachona. Mesmo em livros que contam histórias atuais, a mãe aparece de avental e espanador na mão; o pai, segurando uma pasta ou um jornal. A empregada, o marginal e o operário são quase sempre negros.

Observo no livro, que os desenhos que retratam o avô mostram uma aparência de um senhor negro, com cabelo e barba branca, com sinais de expressão, mas com um olhar amoroso, calmo, tranquilo.

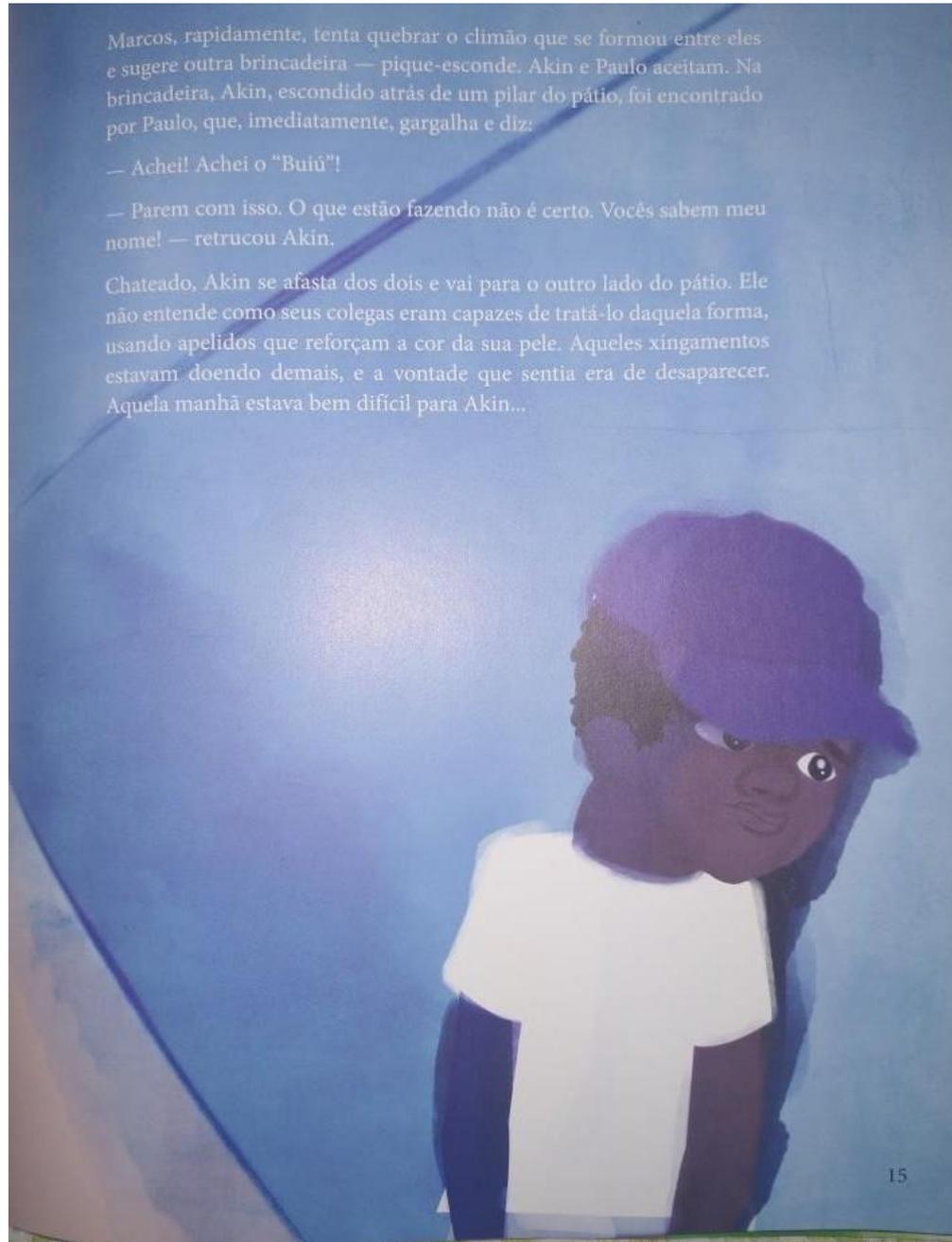
Figura 10 – Cena do avô no fogão à lenha



Fonte: Oliveira (2020, p. 24)

Massoni (2012) explica que, ao apreciar as ilustrações presentes nas histórias infantis, deve-se prestar atenção em algumas características. Como a coloração, as cores que o ilustrador mais utiliza são: verde, amarelo e azul. O verde e o amarelo sempre estão presentes em situações que algum personagem está feliz e cor azul é utilizada em passagens que é noite, no sonho de Akin e em ocasiões em que o menino está triste, deprimido. Além disso, as expressões dos personagens são explícitas, como nas partes em que Akin sofre racismo e o ilustrador faz um olhar triste, deprimido e utiliza a cor azul como pano de fundo.

Figura 11 – Cena de Akin triste



Fonte: Oliveira (2020, p.15)

A dimensão, as ilustrações da obra são grandes quase do tamanho das páginas, as crianças conseguiriam enxergar bem se fosse feito uma leitura oral para todos em sala de aula.

Figura 12 – Cena do avô abraçando o neto



Fonte: Oliveira (2020, p.23)

E quando Seu Dito Pereira faz o maior black power no neto, a ilustração mostra Akin vestido com uma roupa de rei africano da cor verde, com detalhe em amarelo, com um olhar determinado, forte, autoconfiante e segurando o garfo de marfim usado pela nobreza africana. Mostrando que o personagem estava se sentindo um príncipe Africano.

Figura 13 – Cena de Akin se sentindo um príncipe



Fonte: Oliveira (2020, p.28)

Nesta outra imagem, figura 13, que ocupa duas páginas, mostra que saem do cabelo de Akin diversos escritores, autores, cantores e ativistas negros. O pano de fundo é a cor verde. Apresenta-se os desenhos dos rostos de Tia Ciata, Emicida, Carolina Maria de Jesus, Machado de Assis, Inaldete Pinheiro de Andrade e Abdias Nascimento (OLIVEIRA, 2020, p. 33). Esse gesto de Akin chacoalhar o cabelo pode significar que ele se sente representado por estas pessoas e gostaria que todos da escola os conhecessem.

Figura 14 – Cenas de autores, cantores, intelectuais e ativistas negros



Figura: Oliveira (2020, p. 32-33)

As ilustrações do livro contribuem para o enriquecimento da obra, sendo muito significativas para a criança que está lendo, ou ouvindo a história e vendo as ilustrações, uma vez que essa criança pode se identificar com o personagem principal, com o racismo que ele enfrenta preconceito com seu cabelo e como a relação com avô o ajudou a superar. Outro aspecto que reflito é que em ambas as obras as imagens podem ser lidas sozinhas, muitas vezes a criança somente vendo as imagens já cria uma história em sua mente. Ainda, se o livro precisar ser adaptado para outras faixas etárias, a imagem fala por si só e a professora pode contar a história a partir das ilustrações.

Escolhi algumas imagens dos livros para ter esse olhar mais observador, pois entendi a importância que as ilustrações têm na literatura infantil e juvenil. Estas têm o poder de despertar a curiosidade, para atrair o jovem público leitor e exaltar a escrita do autor através da arte. Ainda, destaco o aspecto de não esteriotipação das imagens. Ambas as obras fogem da ideia de imagem estereotipada das pessoas negras, que mostra que todos os negros se parecem fisicamente, sendo que cada pessoa tem seu tom de pele, curvatura do cabelo e aspectos físicos. De tal modo, esses modelos ou clichês foram se repetindo com o passar do tempo, resultando em padrões impessoais e ideias preconcebidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da dissertação, comentei que não sabia da existência da literatura africana e afro-brasileira durante o ensino fundamental e médio. Tive acesso a essa literatura somente em uma disciplina do curso de Letras Português/Espanhol, quando a professora me apresentou a obra “Contos Africanos de países de língua portuguesa”, organizado por Rita Chaves (2009). A partir da análise de alguns contos, como explanei anteriormente, percebi que retrata alguns países da África como violentos, cheguei a essa conclusão, porque também em meu trabalho de conclusão de curso analisei o conto “Gavião veio do Sul e pum!”, de Boaventura Cardoso, que compõe essa coletânea.

O Conto de Cardoso (2009) retrata uma criança que não tem família e vive em um ambiente de guerra, além de outros quatro contos que já comentados em nossa introdução. Ressaltando que as análises não foram suficientemente aprofundadas para desenraizar alguns pensamentos estereotipados acerca de alguns países africanos.

Outra questão é a ancestralidade, havia nesses textos um olhar muito reducionista, nunca imaginei que o corpo teria alguma ligação com a ancestralidade. Agora constato que tudo está relacionado: as memórias, a experiência de vida, as histórias dos nossos ancestrais, o conhecimento, a interação. Todos esses aspectos e muitos outros fazem parte da nossa construção corpórea. Mas a visão eurocentrada que tinha sobre muitas questões, principalmente essas citadas acima, mudou depois de finalizar a escrita da dissertação.

A partir disso, posso afirmar que me empenharei para ser uma professora pesquisadora, que trabalha livros da literatura de temática africana e afro-brasileira na educação básica, propondo obras que realcem a beleza do povo negro, que as crianças e jovens negros se sintam representadas através das histórias, dos personagens, das ilustrações, fortalecendo suas características. Assim, por meio das leituras e das atividades desenvolvidas, conhecerão as tradições dos povos, a ancestralidade, a cultura.

Verifiquei que, nas obras literárias voltadas ao público infantil e juvenil com a temática africana e afro-brasileira, no período de 1900 até 1920, há ausência e personagens negros na narrativa. A ausência do negro nas cenas

sociais descritas no período remete à sua marginalização após a abolição.

O apagamento do negro nos textos da época reflete uma mentalidade dominante voltada para os ideais de progresso e civilização. Procurava-se afastar dos grandes centros os grupos populares, concebidos como resistência à nova ordem social. É somente a partir dos anos 80 que as produções da literatura infantil juvenil aumentaram, sendo uma quantidade maior destinada às crianças e aos jovens com protagonistas negros.

Jovino (2006) também comenta que da década de 80 em diante, pode-se encontrar alguns livros que rompem com as já consagradas formas e representação da personagem feminina negra e também da cultura afro-brasileira. A partir dessa década, foi possível encontrar livros mostrando personagens negras resgatando sua identidade racial, resistindo ao enfrentar preconceitos, valorizando as religiões de matriz africana e as mitologias, rompendo com o modelo de desqualificação das narrativas dos períodos anteriores.

Observo uma valorização da cultura africana e afro-brasileira e, com isso, o avanço nas publicações para o público infantil que apresentam essas questões. Araújo e Oliveira (2021, p. 77) comentam sobre esse movimento. Ao refletir sobre a Lei 10.639/03, com o princípio para discussões e análises, não posso ter uma visão ingênua pensando que essa legislação irá resolver todas as adversidades em relação ao racismo. Entendo que a Lei abre passagens possíveis, até mesmo com a publicação das DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para a Educação das Relações Étnico-Raciais, para refletir na efetividade da Lei, na literatura, na educação, no ensino, entre outros.

A partir das ações afirmativas, as políticas de reparações são necessárias na sociedade: “Porém a inclusão da temática africana e afro-brasileira no currículo escolar não visa contemplar somente a população negra” (DEBUS, 2017, p. 28). Dessa forma, os professores têm um papel fundamental para a efetivação da Lei no ensino regular e no ensino superior, uma vez que estes podem pesquisar, ler sobre a literatura de temática africana e afro-brasileira, ter acesso a textos literários, podendo produzir um material com diversas possibilidades para se trabalhar em sala de aula. A partir dessa ação, contribuiria para existirem mais professores críticos reflexivos, que fariam valer a efetivação

da Lei em todos os estabelecimentos de ensino.

A literatura também se torna um instrumento na formação das pessoas, posto que desperta o senso crítico, a reflexão e a conscientização dos estudantes respeito da diversidade étnico-racial. Porque quando lemos, estudamos a literatura afro-brasileira e africana, estamos estudando textos que relatam a influência cultural e histórica das culturas africanas para a nação brasileira. Portanto, concluo que é preciso trabalhar essas literaturas no âmbito escolar, uma que vez que possibilitam ao educando conhecer a história e a cultura afro-brasileira, abrindo passagens para a discussão étnico-racial em sala de aula.

Observo que, com o aumento das publicações de livros da literatura infantil e juvenil de temática africana e afro-brasileira, o amadurecimento dessa literatura, o surgimento da diversidade de temáticas e de autores novos, com o reconhecimento desses autores, sendo premiados e com o reconhecimento dos leitores e da crítica, ocorre uma produção constante e valorizada.

As obras que escolhi para ser analisadas nessa dissertação trazem como temática a cultura africana e afro-brasileira. O livro “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, apresenta a cultura do povo quico, a arte *sona*. E o livro “*Black power de Akin*” traz aspectos da ancestralidade. Ambos apresentam a relação, interação entre avô e neto. Em síntese, identificamos as experiências das personagens infantis negras, que estão relacionadas às questões de ser criança (reconhecimento de sentimento, de ver o mundo) e de ser criança negra (sofrer racismo e viver a negritude).

Acerca do Espaço, observo que “*Sona contos africanos desenhados na areia*” se passa em uma comunidade intitulada quioco e é o único espaço presente no livro. Já em “*Black power de Akin*”, aparecem outros espaços, como a casa em que Akin mora com seus irmãos e avô, que é um lar amoroso, acolhedor, também apresenta a cidade em que residem, chamada Noar, e o outro espaço é a escola.

No terceiro aspecto, chamado Interações, nosso foco principal foi observar a relação de afeto que se dá entre avô e neto. No livro “*Sona contos africanos desenhados na areia*”, percebemos que a história principal é a relação do avô e neto, mostrando a ligação forte de amizade e cumplicidade entre eles. O avô está presente em todos os momentos e é ele quem ensina o menino a arte *sona*, os primeiros desenhos e as primeiras histórias. E o olhar da criança para tudo o que

está aprendendo é de encantamento, admiração, o menino se revela curioso, maravilhado com os ensinamentos do avô.

No livro *O Black power de Akin*, o avô, seu Dito Pereira, tem uma relação amorosa, harmoniosa com Akin. O neto tem muita admiração pelo avô desenvolveu um olhar encantado, admirado com tudo o que o avô fazia ou falava. As situações de racismo sofridas pelo menino o deixaram triste e com a autoestima baixa, e o Dito Pereira incentivou o menino a se achar belo, do jeito que é, mostrou fotos e desenhos de seus ancestrais negros, contou que herdaram os cabelos crespos dos antepassados, de reis e rainhas, africanos e africanas.

A partir da análise temática, constato que o personagem avô, em ambos os livros, carrega consigo ancestralidade, a história de seus ancestrais, a experiência de vida, saberes e conhecimentos, e que todas essas questões fazem parte de sua construção corpórea. Ainda, os netos estão sempre entusiasmados, encantados e receptivos com as histórias, com a sabedoria, com a tradição que os avôs têm a transmitir. E como essa relação estreita e a presença da família amorosa, respeitosa e acolhedora, faz a diferença para o desenvolvimento das crianças, porque elas se espelham nos mais velhos, no caso dos livros, se espelham nos avôs.

Outra questão que observo foi às ilustrações, que trouxeram encantamento para as histórias. Em nenhum momento o livro apresenta ilustrações estereotipadas sobre nenhum personagem, e sim realça a beleza, a partir dos textos escritos. Em ambos os livros os ilustradores destacaram a beleza dos personagens negros, com suas características, também mostraram a cultura e alguns aspectos da comunidade. Os desenhos do livro vão para além do enriquecimento da obra, pois podem ser vistos como outra experiência imagética, tanto para as crianças como para os adultos.

Por fim, destaco que o tema da dissertação de mestrado é significativo para a área da literatura, pois como foi visto no mapeamento das pesquisas da pós-graduação da UEPG, não foi encontrado nenhum trabalho que tivesse como tema principal a relação de afeto entre avô e neto e ainda são bem escassos os trabalhos que analisam obras de literatura infantil e juvenil com temática africana e afro-brasileira. A partir da análise temática, constato que o personagem avô, em ambos os livros, carrega consigo ancestralidade, a história de seus ancestrais, a experiência de vida, saberes e conhecimentos, e que todas essas questões fazem parte de sua construção corpórea.

Ainda, os netos estão sempre entusiasmados, encantados e receptivos com as histórias, com a sabedoria, com a tradição que os avôs têm a transmitir. E como essa relação estreita e a presença da família amorosa, respeitosa e acolhedora, faz a diferença para o desenvolvimento das crianças, porque elas se espelham nos mais velhos, no caso dos livros, se espelham nos avôs.

Outra questão que observo foram as ilustrações, que trouxeram encantamento para as histórias. Em nenhum momento o livro apresenta ilustrações estereotipadas sobre nenhum personagem, e sim realça a beleza, a partir dos textos escritos. Em ambos os livros os ilustradores destacaram a beleza dos personagens negros, com suas características, também mostraram a cultura e alguns aspectos da comunidade. Os desenhos do livro vão para além do enriquecimento da obra, pois podem ser vistos como outra experiência imagética, tanto para as crianças como para os adultos.

Por fim, destaco que o tema da dissertação de mestrado é significativo para a área da literatura, pois como foi visto no mapeamento das pesquisas da pós-graduação da UEPG, não foi encontrado nenhum trabalho que tivesse como tema principal a relação de afeto entre avô e neto e ainda são bem escassos os trabalhos que analisam obras de literatura infantil e juvenil com temática africana e afro-brasileira.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Débora Oyayomi. Qual o lugar ocupado pelas personagens negras na literatura infantil brasileira? Refletindo sobre estereótipos e originalidade. **TOM Caderno de Ensaios da UFPR**, v. 3, p. 20-42, 2017.

ARAÚJO, Débora Cristina de; SOUZA, Mariana Silva. Crianças negras nas ilustrações de Josias Marinho. **Revista da ABPN**, v. 12, n. 33, p.197-220, jun/ago, 2020.

ARAÚJO, Débora Oyayomi. Literatura Infantil e Ancestralidade Africana: o que nos contam as crianças? **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 109-126, jan./abr., 2019.

ARAÚJO, Débora Cristina de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018.

ARAÚJO, Débora Oyayomi Cristina de; SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: Análise de resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). **Educação Infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2012, p.194-218.

ARAÚJO, Débora Cristina de; OLIVEIRA, Thiara Cruz de. A Fruição literária na literatura infantil africana. In: **Revista da FAEBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 30, n. 62, p. 76-88, abr./jun. 2021

BARBOSA, Rogério. **Sona contos africanos desenhados na areia**. São Paulo: Editora do Brasil, 2020. 31p.

CAMARGO, Luís Hellmeister de. **Encurtando o caminho entre texto e ilustração: homenagem a Angela Lago**. 2006. 373p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

DEBUS, Eliane. **A Temática da cultura Africana e Afro-Brasileira a literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017. 112 p.

DEBUS, Eliane; DOMINGUES, Chirley; JULIANO, Dilma. **Literatura Infantil e Juvenil: leituras, análises e reflexões**. Palhoça: Ed. Unisul, 2010. 176 p.

GERDES, Paulo. **Desenhos Tradicionais na Areia em Angola e seus Possíveis Usos na Aula de Matemática**. Bolema, Rio Claro – SP, v. 4, n. ESPECIAL 1. 1989.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

INSTITUTO MPUMALANGA. Rogério Andrade Barbosa – Sona – Contos Africanos Desenhados na Areia – FLISS 2020. YouTube, 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=uHEgv8suexc&list=LL&index=6>> Acesso em 30 de Set, 2022.

LITERAFRO. **O portal da literatura Afro-Brasileira**. Belo Horizonte, 10 de Ago. de 2021. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/1055-kiusam-de-oliveira> >. Acesso em: 13 de Jun. de 2022.

LITERAFRO. **O portal da literatura Afro-Brasileira**. Belo Horizonte, 28 de Nov. de 2019. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/405-rogerio-andrade-barbosa>>. Acesso em: 19 de Jan. de 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

JARDIM, Mara Ferreira. Critérios para análise e seleção de textos de literatura infantil. In: SARAIVA, Juracy Assman (Org.). **Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. cap. 9.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 181-217.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: Histórias e Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 2007. 186p.

LUFT, Gabriela. **A literatura juvenil brasileira no início do século XXI: autores, obras e tendências**. Brasília: Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 36, p. 111-130, jul-dez. 2010.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas: filosofia africana e práxis de libertação. **Revista Páginas de Filosofia**, v. 6, n. 2, p.51-64, jul./dez. 2014.

MARAFIGO, Elisangela. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. São Joaquim, 2012. p. 1-13.

MASSONI; Luis Fernando Herbert. **Ilustrações em Livros Infantis: Alguns Apontamentos**. Porto Alegre, p.121-129, mai. 2012.

OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Ape'Ku, 2021. 345p.

OLIVEIRA, Kiusam de. **Black power de Akin**. Editora de Cultura, 2020. 40p.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana (2000-2007): entrelaçadas vozes tecendo**

negritudes. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010, 301p.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infantojuvenis brasileiras: 1979-1989**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

ROCHA, Pedro Albeirice da; LOPES, Robson Vila Nova. Literatura infanto-juvenil: história e relações com a pedagogia. **Rer. Querubim**. Rio de Janeiro, p.1-6. 2016.

SILVA, Ayodele Floriano. **Personagens Negras Infantis**: retalhos de histórias. Dissertação (Mestrado em Educação) – Linha de pesquisa Educação, Cultura e Subjetividade da Universidade Federal de São Carlos, 2022.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves Souza e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Kabengele Munanga - Organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 155-172.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. 2. ed., São Paulo: Odysseus, 2007.

SOUZA, Sephora Santana; LOPES, Tarcília Melo; SANTOS, Fabianne Gomes da Silva. **Infância Negra**: a representação da figura do negro no início da construção de sua identidade. III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS. São Luís, agos. 2007.